

MARIA DE LOURDES LEAL DOS SANTOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE
AQUINO: UM MARCO HUMANISTA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA (1960 - 1980).

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Uberlândia – MG

2006

MARIA DE LOURDES LEAL DOS SANTOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE
AQUINO: UM MARCO HUMANISTA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA (1960 - 1980).

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, à Comissão Julgadora do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho.

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Uberlândia – MG

2006

S237f Santos, Maria de Lourdes Leal dos.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960 - 1980) / Maria de Lourdes Leal dos Santos. - 2006.

234 p. : il.

Orientador: Geraldo Inácio Filho.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educação - História - Brasil - Teses. 2. Educação - História – Uberaba - Teses. I. Inácio Filho, Geraldo. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37(091)

MARIA DE LOURDES LEAL DOS SANTOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE
AQUINO: UM MARCO HUMANISTA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA (1960 – 1980).

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho – UFU- Orientador

Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Santos Cunha - UDESC

Prof^ª Dr^ª Sandra Cristina Fagundes de Lima - UFU

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, em especial, aos meus pais, presenças amorosas e fiéis em minha vida. Às Congregações Religiosas das Irmãs Dominicanas e aos Irmãos Maristas que sempre me acolheram, acreditaram e investiram em minha formação humana e cristã.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, confiante que Ele foi e é presença constante em minha vida, para que eu possa caminhar firme rumo à realização de meus sonhos.

Ao Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho que numa postura de educador humanista, orientou-me com competência, compreensão e estímulo na conclusão desse trabalho.

Ao meu esposo, Ferreira, e meus filhos Guilherme e Camila, pelo incentivo, pelo carinho, pela renúncia das horas de convívio e pelo amor sempre presente.

Às professoras Sandra e Sônia Maria pelas inúmeras contribuições que permitiram o aperfeiçoamento dessa dissertação.

Aos membros da Secretaria de Educação, da Prefeitura Municipal de Uberaba, pelo incentivo à capacitação e valorização profissional.

À funcionária do “Centro de Cultura e Espiritualidade Santo Tomás de Aquino”, Karina Aparecida Moraes pelos valiosos empréstimos da documentação e apoio.

Aos ex-professores, ex-alunos da FISTA, meus depoentes que, com um brilho no olhar, me receberam e construíram “amorosamente” os seus relatos.

À professora Irma Araújo Kappel e minha afilhada Mariana Santos pelo estímulo e contribuições na finalização do presente trabalho.

Aos meus irmãos e meus amigos, em especial, Marília Dorotéia Araújo e Maria Auxiliadora Cipriano Oliveira, companheiras atentas nas viagens de estudo.

*O mestre é o ser da palavra. A palavra é o valor fundamental cultivado pelo educador.
[...] A verdadeira educação procura avivar sempre mais a consciência da historicidade
do ser humano, para que ele não se detenha pelo caminho e não transforme em
consumação total aquilo que não passa de fase transitória. Historicizar-se (sic) não é
um gesto de assentar-se, mas de levantar-se*

Monsenhor Juvenal Arduini (1972).

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória histórica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, FISTA, em Uberaba, no período de 1960 a 1980, criada e administrada pelas Irmãs Dominicanas. É uma instituição confessional que representou grandes conquistas para o Triângulo Mineiro e para diversas regiões considerando sua filosofia de educação, seu corpo docente qualificado e sua formação humanista, com repercussão até os dias de hoje. A instituição em destaque é um marco referencial na história da educação brasileira. Sua gênese e consolidação como centro de irradiação de cultura é fundamentada na ética cristã. As concepções de homem, de sociedade, de mundo e educação eram evidenciadas na ação evangelizadora e no currículo em que o estudo reflexivo e a prática pensada já se colocavam como princípios fundamentais. Em 1980, foi encampada a FIUBE, Faculdades Integradas de Uberaba, atualmente Universidade de Uberaba. Assim, ao reinterpretar a trajetória desta instituição, mergulho nas entrelinhas de sua história, como espaço de formação, a partir da análise do acervo documental aliado aos depoimentos autobiográficos de seus ex-alunos e ex-professores. A seriedade intelectual dos docentes e gestores, “o ensinar a fazer” com dignidade e respeito provocaram em seus egressos uma fidelidade, uma sintonia ao legado da formação dominicana. Os saberes e as práticas presentes nos depoimentos comprovam que: “*A FISTA não foi, a FISTA é*” permanece viva no testemunho de seus egressos em diferentes caminhos.

Palavras-chaves: História das Instituições Escolares – Formação Docente – Currículo Humanista – FISTA - Dominicanas

ABSTRACT

This study analyzes the history trajectory of the Faculty of Philosophy, Science and Letters of Saint Thomas Aquino, in Uberaba, between 1960 and 1980, founded and directed by Dominican Sisters. It is a confessional institution which represented great conquests for Triângulo Mineiro and for several regions, considering its educational philosophy, its qualified professoral corporation and its human formation, with repercussion until nowadays. The institution in detail is a reference in the history of Brazilian education. Its origin and consolidation as center of cultural irradiation is essential to the Christian ethics. The conceptions about human being, relationship, world and education evidenced in the evangelization act in the path, which focus on the reflective study and on the deliberate practice. In 1980 it was incorporated to the University of Uberaba. Thus, studying the formation of this institution, I get in its history, as a place of apprenticeship, as of the analysis of the documentary accumulation also with the autobiography testimony from its ex-learners and ex-teachers. The intellectual integrity of the corporation and the administration, “the teach to do” with dignity and respect stimulated ex-pupils to follow the legacy of the Dominican Sisters. The wisdom and the practices related to the deposition ratify that “The FISTA wasn’t, the FISTA is”. It’s still alive with the testimony made by its ex-learners.

Keywords: History of Schools Institutions - Teaching Formation – Humanity
Curriculum – FISTA - Dominicans

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: UM MERGULHO NA HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA	21
1.1- Primado da função docente: Madre Anastasie, uma vocação de educadora	21
1.2- A vinda das Primeiras Irmãs Francesas para o Brasil	23
1.3- A organização da congregação e da Província Nossa Senhora do Rosário	27
1.4- Gênese da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino	30
CAPÍTULO II - UM OLHAR SOBRE A GÊNESE E CONSOLIDAÇÃO DO CURRÍCULO HUMANISTA	41
2.1 - As concepções do currículo humanista	42
2.2 - Fundamentos da abordagem antropológica do currículo	43
2.2.1- O humanismo cristão	43
2.2.2- Características do currículo humanista	48
2.2.3 - Paulo Freire e a pedagogia da existência	50
CAPÍTULO III – LUZES NA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA: Memória e formação docente	57
3.1- O processo de avaliação	78
3.2- Sombras nos rumos da FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXOS – APÊNDICE	
Regimento Interno	99
Imprensa Local	119
Documentos	124
Depoimentos	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Madre Anastasie- Fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas.

Fonte: A Priora de Bor, Etienne-Marie Lajeunie O. P. – São Paulo, 1993

Figura 2- Primeiras Irmãs Missionárias.

Fonte: Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário, 2000.

Figura 3- Sede própria do Colégio Nossa Senhora das Dores em 1895.

Fonte: Dominicanas de Monteils Província Nossa Senhora do Rosário,
São Paulo. 1996.

Figura 4- Aula inaugural em 1961 –Madre Ângela, Ir. Virginita, Madre Maria do
Sagrado Coração; Dom Alexandre, convidado, Alceu Amoroso Lima,
Irmã Maria Rafael – Acervo Particular – Ir. Loreto

Figura 5 - Biblioteca –FISTA - Década de 60. Acervo do CEDSTA - Uberaba.

Figura 6- Sede própria da Faculdade de Filosofia. Acervo: Museu das Irmãs
Dominicanas – Uberaba

Figura 7- Alceu Amoroso Lima-(Tristão de Athayde) Presença especial na inauguração
da sede própria- 1961. Acervo particular - Irmã Loreto

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Cursos de Graduação

Quadro 2- Formandos de 1966

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 1-** FISTA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
- 2-** FIUBE – Faculdades Integradas de Uberaba
- 3-** CEDSTA - Centro de Cultura e Espiritualidade Santo Tomás de Aquino
- 4-** FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino
- 5-** UNIUBE - Universidade de Uberaba

LISTA DE DEPOIMENTOS

1. Irmã Virginita do Rosário OP
2. Padre Tomás de Aquino Prata
3. Evandro da Silva Martins
4. Irmã Loreto OP
5. Maria Terezinha de Sousa Pádua
6. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães
7. Luiz Alberto de Miranda
8. Irmã Laura Chaer
9. Célia Laís Tahan Bittencourt
10. Vânia Maria Resende
11. Elsie Barbosa
12. Zilma Burgiatto de Faria
13. Elisa Angotti Kossovitch
14. Maria de Lourdes de Melo Prais
15. Irmã Glycia Maria Barbosa da Silva

INTRODUÇÃO

Este estudo investigativo tem como objeto de análise a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, de Uberaba, Minas Gerais, que representou conquistas para o município e para as diversas regiões considerando sua filosofia de educação, as aspirações e necessidades de determinados grupos da comunidade uberabense. Insere-se no campo de pesquisa em Educação, na área de História da Educação, em particular, para a História das Instituições Escolares. A implantação e consolidação dessa instituição como centro de irradiação de cultura é fruto da atuação da Igreja Católica que tinha um papel preponderante no sistema educacional. O processo de criação da faculdade em 1948, até sua consolidação em 1961, foi objeto de pesquisa da dissertação de Mestrado em Educação, pelo Centro Universitário do Triângulo – UNIT-, defendida em agosto de 2003. Tal estudo revela aspectos históricos de sua gênese que a torna referência para o desenvolvimento sócio-político-econômico e cultural da região. A pesquisa nos despertou para um novo olhar da história das instituições escolares que é construída com a participação de sujeitos sociais, que se inserem nelas, possibilitando ao momento presente a presença histórica do passado.

O trabalho enfoca o recorte temporal de 1961 a 1980, delimitando neste período, a trajetória de consolidação da única instituição confessional de ensino superior criada e administrada pelas Irmãs Dominicanas, no Brasil. A faculdade iniciou suas atividades acadêmicas, em 1948, com três cursos: Filosofia, Geografia e História e Letras Clássicas, com 23 alunos efetivamente matriculados. Funcionou em dois prédios distintos até 1954, quando houve sua unificação. Em 1961, instala-se em sede definitiva, efetivando a sua fase de consolidação. A preocupação fundamental da Instituição era propiciar aos alunos não só um sólido conhecimento como também uma formação pautada nos princípios éticos e cristãos. Em 1973, eram 1.173 alunos matriculados. Seu avanço acadêmico aconteceu num período em que havia muitos conflitos e contradições, o saber altamente reprimido, ficando os educadores a serviço do Estado, trabalhadores sociais. O campo educacional era regado com a crise da pedagogia nova, articulação da pedagogia tecnicista, manifestações da concepção analítica de filosofia da educação e concomitante desenvolvimento da concepção crítico-reprodutivista.

É necessário evidenciar que o interesse pela História das Instituições Escolares surge a partir da experiência acumulada como aluna egressa do Colégio Nossa Senhora das Dores, importante instituição fundada pelas Irmãs Dominicanas, em 1885, dedicado à educação feminina, onde estudamos desde o Ensino Primário até o término do Ensino Médio. Como diversas outras alunas, demos continuidade aos estudos na FISTA, no período de 1977 a 1981. Entretanto em 1980, a faculdade foi “incorporada” pela Universidade de Uberaba, sem que os alunos tivessem clareza das razões econômicas e política desse acontecimento. São vários os vínculos familiares e afetivos que nos entrelaçam com a Congregação Dominicana. Laços que nos oportunizaram como membro efetivo da família dominicana, reinterpretar as fontes primárias e secundárias que retrataram inúmeras peculiaridades da trajetória histórica da ordem.

As instituições escolares permanecem ou não, na história, a partir das relações com as pessoas, com os valores que perpetuam, com o conhecimento que é construído historicamente. São fontes inesgotáveis para a apreensão de uma cultura, pois as mesmas estão impregnadas de saberes e práticas educativas. Investigar uma instituição escolar é um dos caminhos de se estudar filosofia e história da educação brasileira. Ao trilhar nesta linha de pesquisa, deparamos com os vários atores envolvidos no processo educativo, descortinou-se o que se passava no interior do campo educacional: as experiências, avanços, contradições, relações com o saber, enfim, a identidade histórica da instituição.

Nessa perspectiva, nos propusemos a investigar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino enquanto espaço social destinado à formação docente humanista procurando compreender os elementos que a tornaram marco de referência local, regional e nacional, garantindo reflexos até nossos dias.

O *objetivo* primordial que orientou o presente trabalho foi compreender a instituição escolar enquanto espaço de formação humanista. Apreendemos seu ciclo de vida enquanto ensino superior de excelência, identificando elementos no currículo que lhe conferiram identidade histórica. Reinterpretamos a memória e a formação docente humanista a partir da análise dos documentos escritos, fontes iconográficas e depoimentos de ex-professores e ex-alunos.

Alguns **questionamentos** sinalizaram o caminho investigativo na expectativa de delinear, de construir a identidade histórica da faculdade: Quais os princípios básicos da **formação docente humanista** vivenciada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino? Quais as influências do currículo humanista na

trajetória de vida dos alunos? O que a torna marco referencial na história da educação, mesmo após seu fechamento, em 1980?

Ao iniciar o trabalho, sentimos desafiados em contribuir com as pesquisas que valorizam as interpretações históricas fundamentadas na especificidade e singularidade, estabelecendo uma relação cuidadosa com o objeto de pesquisa. Passo a passo, fomos em busca das fontes que resguardavam dados consistentes capazes de retratar as peculiaridades da instituição, atentos em investigar mais detidamente os processos de formação docente.

Os arquivos do Centro de Cultura e Espiritualidade Santo Tomás de Aquino, das Irmãs Dominicanas, o Museu do Colégio Nossa Senhora das Dores e o Arquivo Público Municipal abrigam vários documentos que nos ajudam a compreender como se configuram os processos de gestão, organização e avaliação da instituição escolar em questão. A imprensa, a educação e a sociedade estão intimamente ligadas. Tivemos acesso a artigos do Jornal da Manhã, Lavoura e Comércio e Folha de São Paulo que comprovam esta sintonia: o regional e o local, com suas especificidades estão ligados a um movimento histórico nacional. Os artigos jornalísticos revelam a FISTA enquanto formadora e propagadora de concepções educacionais. Focalizam sua formação docente: currículo, disciplinas e ensino humanista como referência nacional.

Realizamos o levantamento e catalogação dessas fontes, para que as mesmas fossem referências ao longo do processo de construção das interpretações relativas à identidade histórica da instituição.

Com a preocupação de realizar um estudo com uma abordagem qualitativa, realizamos uma coleta de relatos junto aos gestores, ex-professores e ex-alunos que tiveram uma atuação marcante no período em questão. Iniciamos as entrevistas com a primeira diretora e professora da Faculdade e posteriormente com os ex-professores e ex-alunos do período em estudo. Atentos à trajetória de formação dos professores elaboramos um roteiro de entrevista o qual permitiu que os depoentes fizessem *relatos da própria prática docente*. O instrumento oportunizou aos professores a construção de uma análise, uma reflexão sobre suas histórias de formação intelectual. Foram realizadas 15 (quinze) entrevistas, dentre as quais 02 (duas) foram redigidas pelos próprios depoentes, a partir do roteiro dado. As demais entrevistas foram realizadas pessoalmente, com visitas aos educadores residentes nas cidades de Uberlândia, Goiânia, Brasília, Campinas, São Paulo e Uberaba. Os depoimentos, feitos de acordo

com o roteiro da entrevista, foram gravados e transcritos na íntegra, resguardando a originalidade cada docente.

Realizamos um esforço articulador para que a análise da documentação escrita se entrecruzasse com os depoimentos retratando os elementos básicos da formação docente que trazia suas raízes definidas na visão humanista cristã.

Durante o processo de catalogação das fontes, percebemos que a Faculdade definia-se dentro de uma linha nitidamente humanista, oportunizando ao aluno uma análise lúcida da realidade, uma interpretação amadurecida do mundo, incentivando a criar formas de participação na comunidade.

Por uma educação humanista, entende-se no contexto desse trabalho que todos os processos educativos eram norteados pelos princípios básicos do humanismo cristão. O humanismo como movimento dos humanistas da Renascença que ressuscitaram o culto das línguas e as literaturas greco-latinas e reafirmaram a centralidade do homem como sujeito universal e criador. Os filósofos humanistas valorizavam e respeitavam o ser humano em sua integralidade, na relação com a natureza, com o outro, com o mundo e com Deus.

Particularmente, na Faculdade a escolha de seu nome enquanto instituição católica confessional, intitulada *Santo Tomás de Aquino*, não ignorou suas raízes. A filosofia da instituição assumiu o humanismo integral de Jacques Maritain (1882-1997) como ponto fundamental de sua formação docente. Maritain é considerado um dos maiores intérpretes do chamado neotomismo: corrente doutrinária que aborda a problemática filosófica contemporânea sob a perspectiva de Santo Tomás de Aquino. O humanismo cristão pressupunha uma sociedade mais justa, humana, sem distinção de classes, construída pelo próprio homem a partir da vivência dos valores éticos e cristãos.

O CAMINHO METODOLÓGICO: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Historiografia da Educação Brasileira procura desvendar, nos campos da pesquisa, saberes que redimensionem os processos históricos, aproximando essa História de seus verdadeiros atores.

Investigar uma instituição escolar é uma das formas de se estudar filosofia e história da educação brasileira visto que explicitam os vários atores envolvidos no processo educativo, revela o que se passa no interior das escolas, suas experiências, avanços, contradições, suas relações com o saber, enfim, sua identidade histórica. As

inovações no campo da historiografia da educação têm possibilitado novos olhares para essas investigações. Alguns historiadores e educadores elaboram uma história não apenas descritiva, mas interpretativa, usando princípios teórico-metodológicos, de categorias de análise e procedimentos técnicos ligados às fontes de pesquisa. Esta abordagem permite uma visão mais profunda dos espaços sociais destinados aos processos de ensino-aprendizagem, pois levam em conta as especificidades regionais e as singularidades locais e institucionais. No Particular está o ser humano concreto. Ao mergulhar no interior de uma escola descobrimos suas potencialidades, sua função, muitas vezes diferente da teoria pré-estabelecida pelo sistema vigente. Justino Magalhães, um dos teóricos da nova modalidade nos esclarece que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico (MAGALHÃES, 1996, p.2).

Nesse sentido, é fundamental considerar nesta investigação a relação da instituição com o contexto social no qual se insere, observando os fatores organizacionais, políticos, religiosos e econômicos que se influenciam mutuamente. Pensar a história dentro de condições particulares e específicas, com as suas múltiplas atividades, necessidades e interesses diferenciados. Será relevante integrar todas estas dimensões no processo de construção das interpretações históricas sobre o passado. Neste aspecto, Ester Buffa (1994, p. 61) afirma que: “*escrever a história de uma escola hegemônica é, de certa forma, escrever a história da escolarização geral do município*”. Assim, as interpretações históricas abrigam uma diversidade de características sobre a história da instituição que apresentam possíveis caminhos de análise por meio de um método de pesquisa: a história oral.

A História Oral caracteriza-se por ser “*um método de pesquisa e um meio de conhecimento*” (ALBERTI,1990), e não o “*produto final da pesquisa*” (QUEIROZ,1988), que abre possibilidades de captação oral de dados. Ela carrega em si peculiaridades obtidas por meio de fontes vivas de informações: história de vida, autobiografias, biografias, depoimentos pessoais e entrevistas. Todas elas fornecem um vasto material que necessita de um minucioso processo de análise, de interpretação crítica, evitando a subjetividade, tanto do narrador, quanto do pesquisador” (QUEIROZ,1988). Os recursos metodológicos empregados pela História Oral têm

contribuído para a produção de novos conhecimentos e para o estabelecimento de outras perspectivas, novos olhares e interpretações de nossa história da educação. O resultado é, segundo (ALBERTI, 1990), “ a produção intencional de documentos históricos”.

Assim, diante da complexidade desta proposta de investigação, buscamos respaldo teórico em autores como Antônio Nóvoa que valoriza os estudos ligados às singularidades educacionais. Procuramos, à luz de suas observações, elementos que nos orientassem na resolução da problemática levantada:

Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Desta forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras (NÓVOA, 1995, p.22).

Antônio Nóvoa trouxe inúmeras reflexões sobre a vida e ação dos professores. Ele apropria-se de sua experiência pessoal, de seu saber historicamente construído, da busca pelo conhecimento e socializa, reflete, provoca no coletivo uma nova organização do pensamento. A abordagem de NÓVOA sobre o professor reflexivo contribuiu para a caracterização do corpo docente da FISTA que, a partir dos relatos demonstrou uma relação com os alunos de exigência, de rigor acadêmico que iniciava na própria seleção criteriosa para o ingresso na faculdade. Havia um cuidado com o conhecimento enquanto saber em construção. NÓVOA chama atenção para este aspecto importante no processo de formação.

Nessa perspectiva, no campo da pesquisa educacional há uma diversidade de estudos que procuram compreender os educadores a partir da perspectiva autobiográfica. Assim, ao aprofundar as “histórias de vidas” dos educadores deparamos com momentos significativos de seu percurso pessoal em que o saber, o comprometimento, a seriedade intelectual de seus professores interferiram profundamente em sua formação docente. Comprovamos isso com a citação de Pierre Dominicé:

“ ... o saber sobre a formação docente provém da própria reflexão daqueles que se formam. É possível especular sobre a formação e propor orientações teóricas ou fórmulas pedagógicas que não estão em relação com os contextos organizacionais ou pessoais. No entanto, a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações concretas do seu próprio percurso educativo” (1990, p.167).

Assim, ao longo do processo investigativo procuramos elucidar a validade da afirmação acima. O modo, a forma, a postura, a vivência de situações concretas nas relações de aprendizagem ao longo do percurso educativo garantem ou não a formação de qualidade. Nós somos aquilo que vivemos, que experimentamos, existe fidelidade ou não, em consonância com os princípios e valores de nossa formação inicial. Existe um conjunto de forças que garantem ou não esta identidade, que o discente carregará ao longo de sua trajetória profissional.

Portanto, Antônio Nóvoa aborda em seus estudos e estimula às investigações que compreendam a dimensão pessoal e profissional do professor. Ele valoriza o cotidiano pedagógico e discute a importância que as “histórias de vida” podem adquirir nos estudos sobre os professores, a profissão docente e as práticas de ensino. Ele procura despertar nos professores a vontade, o desejo de refletir, de analisar sua trajetória profissional e avaliar o que foi fruto de seu caminhar:

sobre os percursos profissionais, sobre a forma como sentem a articulação entre o profissional e o pessoal, sobre a forma como foram evoluindo ao longo de sua vida. ... Desde então, percebi melhor as dificuldades de mobilizar as dimensões pessoais nos espaços institucionais, de equacionar a profissão, à luz da pessoa (e vice-versa), de aceitar que por detrás de um logia (uma razão) há sempre uma –filia (um sentimento), que o auto e o hetero são dificilmente separáveis, que (repita-se a formulação sartriana) o homem define-se pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele(NÓVOA,1992,p.25).

Segundo NÓVOA, não se constrói a formação docente por acumulação de cursos, técnicas ou conteúdos. A formação só será efetiva e produzirá frutos se for por meio de um trabalho reflexivo, analítico das práticas. Um movimento dinâmico, um exercício permanente de reconstrução da identidade pessoal. Esse movimento pressupõe uma relação aberta com o saber. Os conhecimentos adquiridos são assimilados, estão embuídos de experiências pessoais, ficam impregnados de valores e princípios internos, assim, provocam despertam mudanças no fazer do professor, em sua prática. Essa movimentação é feita com segurança, com fidelidade ao saber construído. Esse processo abre possibilidades de inserção deste professor em novos campos; político, econômico, social a partir de sua experiência pessoal e coletiva.

Outra referência marcante na Faculdade foi o pensamento de Paulo Freire. Um homem que enriqueceu a história da educação latino-americana, com seu método pedagógico de conscientização. Além de conceber a Educação como um meio/instrumento no sentido de transformação social, põe-se também como um dos

grandes tematizadores contemporâneos da questão da subjetividade. O sujeito constitui o ponto central de sua pedagogia.

Mergulhando em sua literatura, percebemos que Paulo Freire fundamentou-se no existencialismo, na fenomenologia e no marxismo, partindo do princípio de que o saber é um fazer repleto de historicidade. O ponto de partida é a realidade concreta do homem e este reconhece o seu caráter histórico e transformador. Libertação que não é só individual, mas principalmente coletiva, social e política.

O trabalho de Paulo Freire revela dedicação e coerência aliada à convicção de luta por uma sociedade justa, voltada para o processo permanente de humanização entre as pessoas onde ninguém é excluído ou posto à margem da vida. Assim, encontramos algumas vozes consensuais de filósofos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, como Jacques Maritain, Teilhard Chardin, Sartre, Manoel Emounier dentre outros. Influenciados por estes autores, Paulo Freire, também se despontava comprometido com a Pedagogia da Libertação.

O resultado deste trabalho investigativo está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo: *Um mergulho na história da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino*, discorreremos sobre as origens da congregação dominicana, a sua organização, seus princípios básicos e os aspectos norteadores da formação docente humanista. Analisamos os elementos que tornaram a Faculdade de Filosofia um centro de irradiação de cultura fundamentada na ética cristã.

No segundo capítulo, *Um olhar sobre a gênese e consolidação do currículo humanista*, procuramos explicitar os procedimentos teórico-metodológicos que fundamentam as concepções de currículo, evidenciando aspectos da História Oral que nos auxiliaram a compreender a história e memória da formação docente humanista.

No terceiro capítulo, *Luzes na formação humanista* aprofundamos a análise da formação docente evidenciada na ação evangelizadora e no currículo; procuramos entrelaçar nos relatos a relação existente entre as disciplinas curriculares e a prática reflexiva.

Acreditamos que a abordagem interpretativa da instituição possibilitou a compreensão dos elementos que garantem a sua identidade histórica, revelando seus conflitos, avanços e relevância no campo educacional, especificamente, na história das instituições escolares.

CAPÍTULO I:

UM MERGULHO NA HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Esse capítulo tem o propósito de discutir a trajetória histórica da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, uma instituição confessional, que foi destaque para o município de Uberaba e para diversas regiões considerando sua filosofia de educação, seu corpo docente e sua formação humanista, com repercussão até os dias de hoje. A referida instituição é um marco referencial na história da educação brasileira. Reinterpretar sua trajetória é imbuir-se de uma consciência histórica e registrar suas origens, organização, relação com o meio sócio-cultural, conflitos e desafios que lhe garantiram uma identidade histórica.

1.1- Primado da função docente: Madre Anastasie, uma vocação de educadora

A Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário nasceu em Bor, pequena aldeia dos planaltos de Rouergue, na região de Aveyron, em 1851. Inserida num contexto social de início do século XIX, no qual imperava o analfabetismo na França, surgiu a jovem Alexandrina Conduché, sobrinha do vigário de Bor. O pároco de Bor, Pe. Gavalda, lastimava a ignorância total de seus paroquianos e desejava transmitir à juventude a inteligência da fé. Assim, inicia em Bor, a evangelização por meio da escola; torna-se catequista-professor. Criou duas escolas na aldeia: uma para meninos, coordenada pelos irmãos de Saint-Viateur, e outra para meninas que suscitou, no começo, sérios problemas de recrutamento de pessoal. Algumas jovens da aldeia demonstravam interesse em doar-se a Deus, entre as quais duas de sua família. Pe. Gavalda convida suas sobrinhas Vírginia Gavalda e Alexandrina Conduché para assumirem seu projeto e elas são “as duas colunas de sua fundação”.

Alexandrina aos dezoito anos tornou-se diretora da escola e mestra das noviças. Como Priora, torna-se Madre Anastasie e transforma sua casa em centro de formação para a vida religiosa apostólica. Por meio dos relatos e dos documentos dos arquivos uma constatação se impõe: a função docente foi a primeira atividade apostólica. O instituto limitava-se a atender às necessidades de evangelização das pequenas comunidades na zona rural. Madre Anastasie não hesitava em enviar, desde o início da fundação, irmãs para visitarem e cuidarem dos doentes após as horas de aulas. Queria suas irmãs com formação para a vida religiosa e profissional, com as limitações de sua época. Preocupava-se com a competência das irmãs e das enfermeiras, exigindo uma vivência de valores humanos e cristãos pautados na linguagem do Evangelho. Em 25 anos de vida religiosa, Alexandrina fundou 25 comunidades.

Madre Anastasie, fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, manifestou uma afinidade com a secular Ordem de São Domingos, a qual afilia-se, em 1875, com apoio do Padre Cormier, Prior em Tolosa. A congregação foi inserida na Ordem Dominicana sob o título de “Religiosas Educadoras da Ordem Terceira Regular de São Domingos.”

A Ordem dos Dominicanos ou Ordem dos Pregadores foi fundada por Domingos de Gusmão, nascido em Castela, Espanha em 1170. São Domingos, atento às misérias humanas, estava na vanguarda da sociedade de seu tempo e instituiu como divisa da Ordem o lema: *Veritas*, traduz-se, Verdade. Percebe-se que este lema marcou toda a história da Congregação, assim como, a abertura social das primeiras comunidades aliada à promoção da fé. Esta fidelidade à tradição orienta até os dias de hoje, o trabalho apostólico das irmãs dominicanas.

Outro aspecto histórico importante foi a instalação, em Monteils, do noviciado da Congregação das Irmãs Dominicanas, cujos meios de comunicação eram favoráveis a sua missão. Num espírito dominicano, Madre Anastasie priorizava o estudo, como meio privilegiado para abrir os espíritos e os corações à Palavra. Ela escreveu em uma carta pastoral : “*Não sacrifique sua hora de estudos, pois você tem necessidade. É este seu Ofício Canônico...*” Além do trabalho educacional dedicavam às orientações dos afazeres domésticos, à catequese domiciliar e assistência a asilos.

Os estudos e relatos existentes sobre Madre Anastasie revelam que tinha uma consciência crítica de seu tempo, um projeto de evangelização que respondia às necessidades de sua época, atenta à promoção humana.

Madre Anastasie enfrentava inspetores, prefeitos, bispos em defesa de suas escolas e da congregação. Assumiu a educação das crianças e adolescentes, principalmente dos empobrecidos que deviam ser acolhidos gratuitamente. Primava pelo ensino de qualidade, enfatizando sempre a importância do estudo, o cuidado com o ambiente escolar: salas espaçosas, jardim e, no máximo, 25 alunos por turma.

Esses critérios permaneceram presentes nas escolas e colégios da Congregação que primaram por uma educação de qualidade, pautada nos valores cristãos.



Figura 1- Madre Anastasie- Fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas.
Fonte: A Priora de Bor, Etienne-Marie Lajeunie O. P. – São Paulo, 1993.

Nos relatos e na documentação referentes à Congregação são evidentes o ideal missionário e o valor do estudo assumido por Madre Anastasie que se manifestam nos princípios do carisma dominicano: testemunhar e anunciar a Palavra de Deus pela oração, pelo testemunho de vida e pela ação.

Em 21 de abril de 1878, às vésperas da Páscoa, Madre Anastasie faleceu com 45 anos de idade.

Posteriormente, a congregação cresceu, avançou para novos continentes, atingindo a Bélgica, Itália, África e o Brasil.

1.2- A Vinda das Primeiras Irmãs Francesas para o Brasil

A presença dominicana no Brasil iniciou com os frades dominicanos do Convento de Córdoba, em 1873, quando um jovem seminarista brasileiro, Francisco

José Joaquim de Mello, posteriormente Frei Vicente, solicitou ao Prior, a fundação no Brasil de um convento da Ordem. Com o apoio do bispo do Rio, Dom Pedro Maria de Lacerda, os dominicanos, Frei Damião e Frei Bento Sanz, instalaram-se no Rio de Janeiro, em 1878. Entretanto, nessa época, o país era assolado pela febre amarela o que provocou a morte dos frades.

A primeira tentativa de instalação da Ordem foi frustrante, porém Dom Cláudio Ponce de Leon, bispo da diocese de Goiás e de todo o Triângulo Mineiro, diante das dificuldades pelo número reduzido de padres, suplicou ao Provincial para que enviassem novos religiosos. Nesse período, as congregações sofriam com as perseguições ao clero e acolheram o pedido. Os frades chegaram ao Rio, em direção a Uberaba em 20 de outubro de 1881. Após longa viagem, instalaram-se em Uberaba, em 31 de outubro, com o intento de atender às populações do interior de Minas e Goiás e de realizar a missão com os índios do Araguaia.

Os Frades Dominicanos vindos da Província de Toulouse realizavam as Missões, dirigidos pelo Padre Cormier. Os dominicanos, diante das dificuldades, insistiram para que as Irmãs os ajudassem no trabalho missionário. O apelo da Igreja, pó meio do Papa Pio X, para que as congregações fundassem núcleos fora da França, aliado ao desejo da Superiora da Ordem, Madre Dosithée, foi acolhido e várias irmãs apresentaram como voluntárias. Foram escolhidas 06 Irmãs para o grande desafio: Ir. Maria José, Ir. Maria Otávia, Ir. Maria Juliana, Ir. Maria Reginalda, Ir. Maria Eleonora e Ir. Maria Hidelgarda.



Figura 2- Primeiras Irmãs Missionárias.

Fonte: Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário, 2000.

As irmãs ficaram em Portugal, por três meses, para um estágio em Lisboa para aprenderem o português. No dia 05 de maio de 1885, após vinte e três dias de viagem, desembarcam no Brasil. Realizam o percurso do Rio de Janeiro a Ribeirão Preto de trem

de ferro, em dois dias. De Ribeirão a Uberaba desbravaram o sertão, em carro de bois, numa viagem de oito dias, acompanhadas pelo superior do convento de Uberaba, Frei Vicente Lacoste. Foram acolhidas com festa triunfante, no dia 15 de junho de 1885, com a presença especial de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, bispo de Goiás e do Triângulo Mineiro que veio recepcioná-las.

Trabalho, luta, incompreensões e sacrifícios marcaram o trabalho das pioneiras, que se instalaram na Santa Casa de Misericórdia, em 25 de outubro de 1885. Numa ala do prédio, abriram as portas para o Colégio Nossa Senhora das Dores. No início das aulas, apenas seis alunas se apresentaram: duas internas e quatro externas. Entretanto, um ano depois, uma centena de alunas estava sob a orientação das religiosas estrangeiras, derrubando preconceitos e dúvidas da permanência delas na cidade de Uberaba.

A sociedade uberabense, nesta época, vivia num contexto de acentuadas diferenças sócio-culturais, com agricultores, pecuaristas, proprietários de terra, comerciantes e trabalhadores rurais. Uberaba era chamada de “capital do zebu” cuja riqueza era proveniente da pecuária. Neste contexto, já havia um prenúncio para a abolição dos escravos que concretizou, em 1888, com a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. A influência dos ideais liberais oriundos da Europa, principalmente da França, provocou mudanças profundas nos campos político e educacional.

Com um número significativo de alunas foi necessário um reforço no corpo docente. As irmãs recebem um segundo grupo de religiosas francesas: Beatriz, Imelda, Estefânia, Elizabeth e Verônica. Padre Lacoste sentiu que era necessário um local para que as irmãs se sentissem em casa. Com o apoio da congregação na França, iniciaram as obras, sem nenhum apoio do governo municipal. Padre Aufossi, substituto de Lacoste, enfrentou longas cavalgadas pelo sertão conseguindo donativos para a finalização da obra. Em 1895, as irmãs deixam a Santa Casa e inauguram a sede própria do Colégio, dez anos após sua chegada ao Brasil.

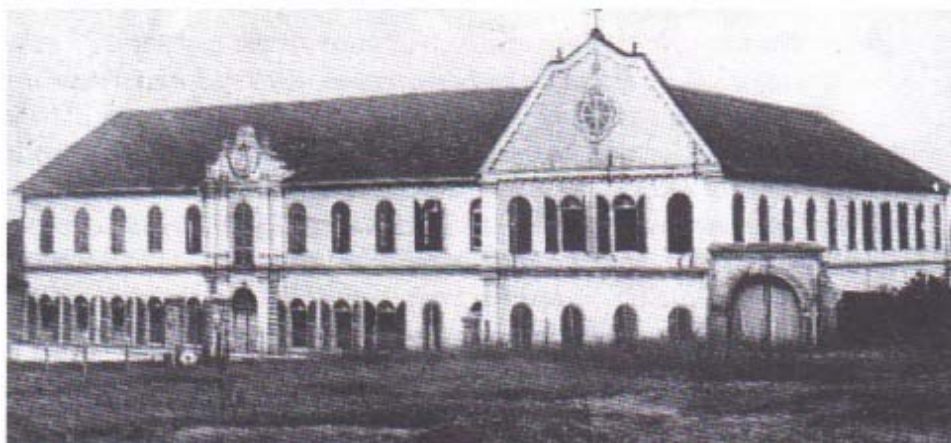


Figura 3- Sede própria do Colégio Nossa Senhora das Dores em 1895. Fonte: Dominicanas de Monteils Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo. 1996.

Em setembro de 1889, a pedido do bispo de Goiás, Dom Cláudio, chegou ao Brasil o terceiro grupo com oito irmãs missionárias que se instalaram em Goiás, fundando o Educandário Sant'Ana. Em 1902 foram convidadas a se ocuparem da catequese, formação e instrução das famílias indígenas na região de Conceição do Araguaia, no Pará. Fundaram nesta cidade, o Colégio Santa Rosa de Lima. Outro colégio foi aberto em Bela Vista, Goiás, em outubro de 1903, Colégio de Santa Catarina que permaneceu poucos anos por falta de recursos. As irmãs romperam fronteiras e se espalharam por todo o território nacional: Porto Nacional (1904), Rio de Janeiro (1925), Araxá (1926), São Paulo (1942), Goiânia e Marabá (1949), Belém(1952), Cambará do Sul(1954), Torres(1955) e Curitiba(1958).

As dominicanas de Monteils marcaram sua presença no Brasil com atuação nos colégios, em obras assistenciais como creches e asilos. Em Uberaba, mantiveram o Orfanato Santo Eduardo, até 1942. O Externato São José, fundado em 1940, proporcionou durante décadas o ensino gratuito às crianças de famílias carentes da cidade. Existiam duas escolas diferentes, com classes sociais opostas. Os professores do Externato eram as alunas bolsistas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. O Externato funcionou como classes anexas ao Colégio Nossa Senhora das Dores, até 1983. Seu fechamento coincidiu com a fase de afastamento das irmãs dominicanas das instituições escolares para as comunidades eclesiais de base; posteriormente aprofundaremos esta questão.

Sempre atentas ao carisma dominicano, em comunhão com as necessidades de seu tempo, as irmãs foram empreendedoras também na área da saúde.

Em Uberaba, núcleo pioneiro da congregação, foram arrojadas na construção da Escola de Enfermagem Frei Eugênio, fundada em 1948, com o apoio do bispo diocesano Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. Os professores faziam parte da equipe

médica da Santa Casa de Misericórdia e assumiram as aulas gratuitamente. A primeira diretora foi Irmã Alzira Barros. A construção do prédio próprio foi em 1956, onde a escola permaneceu até 1980, com seu fechamento.

Outro grande empreendimento realizado pela congregação, em 1960, foi a inauguração do mais moderno e arrojado hospital do Brasil Central: Hospital São Domingos. Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, no dia de sua inauguração, 31 de janeiro de 1960, ressaltou o esforço, coragem e luta das irmãs: “*O Hospital São Domingos é a vitória do espírito da fé, da oração confiante e do sacrifício silencioso*”.

Percebe-se que o ideal de Madre Anastasie foi referência nas ações das irmãs. Atentas a sua realidade local, dedicam à educação feminina preocupadas com o convívio familiar, com os valores que garantissem uma educação de qualidade. Em cada canto do Brasil havia uma marca dominicana que revelava uma ação em prol da transformação social.

1.3- A organização da congregação e da Província de Nossa Senhora do Rosário

Desde o início da Congregação Dominicana, em Bor, e posteriormente em Monteils, as normas e determinações sobre liturgia, costumes, hábitos e até horários eram definidos pelo Governo Geral, centralizado na França. Competia a Piora Geral, juntamente com as Conselheiras Gerais, a estruturação de cada comunidade religiosa, seja no Brasil ou na França, conforme os números 769 e 802 do Costumário de 1946: “... *as Irmãs devotarão o mais profundo respeito e veneração. Em todas as ocasiões, darão provas de uma cabal dependência à sua autoridade*” (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo, 1995, p.13).

As Conselheiras Gerais deverão compartilhar, lealmente, os cuidados e responsabilidades da Piora Geral. O estudo objetivo dos problemas que lhes forem submetidos as fará comungar todas juntas do amor, da mesma verdade e do mesmo bem. Serão unânimes com a Piora Geral para procurar, sempre, não a solução que agrada seu sentimento, mas a solução que se impõe à sua razão e à consciência religiosa (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo, 1995, p.13).

Um dado interessante nesta organização até a década de 70 foi a divisão da congregação em duas classes de Irmãs: primeiramente as de ‘coro’ com direito a nomeação para cargos administrativos se ocupavam da educação e dos doentes. Já as ‘conversas’ se dedicavam aos trabalhos manuais e domésticos. Esta divisão revela a

hierarquia social existente na ordem, decorrente da cultura e da classe social a qual as irmãs pertenciam. Registram na Constituição sobre a titulação, os seguintes termos:

A Priora Geral e as ex-Prioras Gerais terão o título de Reverendíssima Madre; as Conselheiras Gerais, as Oficiais Gerais o de Reverenda Madre durante o período de seu cargo, conservando, ao término do mesmo, apenas o título de Madre. Às Prioras locais terão o título de Reverenda Madre, somente enquanto durar o seu mandato. As Vice-Prioras e Vigárias locais serão chamadas de Madre só em sua Comunidade e enquanto durar a sua função. As Mestras de Noviças, também, terão o título de Madre no desempenho de seu cargo. Conservarão o título, caso tenham ocupado a função por mais de dez anos (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo, 1995, p.14).

Esta titulação tornou-se sem efeito com o Concílio Ecumênico Vaticano II, instituído pelo Papa João XXIII, em 11 de outubro 1962, e orientado por Paulo VI. Este Concílio trouxe orientações teológicas e pastorais que desencadeou um processo de profundas transformações na igreja católica. As palavras-chave do Concílio eram: Aggiornamento e Diálogo, traduzidas em duas grandes constituições eclesiológicas Lumen Gentium e Gaudium et Spes. O Capítulo de Aggiornamento propunha uma atualização, renovação, rejuvenescimento da Igreja, abrindo caminhos para a adoção de estruturas mais humanas e funcionais, para o trabalho apostólico. A Igreja, “povo de Deus”, foi chamada a dialogar consigo mesma e com as outras religiões, atenta às exigências do mundo. O Papa Paulo VI no discurso conclusivo do Concílio, em 18 de dezembro de 1965, deu a maior ênfase ao tema do “homem contemporâneo”. A preocupação com a humanidade estava subjacente em todos os documentos, pois havia um interesse em explicitar a direção antropocêntrica da cultura moderna. Foi mais do que um documento, do que um evento histórico. Tratou-se de um “espírito, de um novo símbolo da Igreja Católica”. Apontou para uma abertura diante do mundo moderno, um diálogo com a diversidade na qual imperavam o capitalismo, os regimes militares autoritários e a cultura burguesa. Na América Latina, a concretização destes sonhos evangélicos manifestou-se na Conferência de Medellín. Os teólogos afirmam que a Conferência surgiu, por desejo de Paulo VI, com o objetivo de ajustar a Igreja latino-americana com a pastoral do Vaticano. O salto qualitativo foi além da concepção centro europeia. As sementes de uma Igreja mais popular foram lançadas. A teologia chamou-se da libertação, as estruturas eclesiais de comunidades de base, as práticas pastorais foram realizadas a partir da leitura militante do Evangelho, com os círculos bíblicos, nas pastorais sociais, no interior dos movimentos de luta. Na visão teológica -

antropocêntrica surge o método consagrado pela *Gaudium Et Spes* : Ver, Julgar e Agir. Pe. Libânio, afirma: “*Estava em questão um ser humano entendido não só à luz do Iluminismo europeu, na sua liberdade e consciência, mas também como um ser despojado, excluído e pobre, fazendo ressaltar mais claramente ainda o humano universal (Vida Pastoral, 2005)*”. Compreende-se assim, uma nova opção preferencialmente pelos pobres. Fato que impulsiona inúmeras mudanças nas congregações religiosas.

Para a Congregação Dominicana iniciou-se uma nova fase, tempo de estudo, de buscas e de tomada de consciência da identidade à luz do Concílio, evidenciada na Carta Circular da Priora Geral, datada de 8 de dezembro de 1968: “*Nesta luz do Advento nós buscaremos o verdadeiro sentido da renovação de nossa Vida religiosa. Algumas Comunidades já estão em pleno élan; é preciso que todas façam o esforço da reflexão necessária*”(Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário,São Paulo, 1995, p.22).

Um Capítulo Geral foi convocado, o Aggiornamento, em Monteils, França, de 16 de julho a 15 de agosto de 1969, que, pela primeira vez, contou com a presença de 17 delegadas brasileiras. Este Capítulo propunha um alinhamento da organização religiosa com os princípios contestáveis. Um retorno às fontes, às origens. As decisões do Capítulo provocaram mudanças significativas na Congregação, num clima de abertura para que ela assumisse novas formas de presença no mundo. A Priora Geral Madre Marie-Anna, a pedido do Capítulo, modificou a estrutura da Congregação com a criação do sistema de Províncias. Este fato trouxe a descentralização do poder, a igualdade de participação nas decisões dos Capítulos Gerais e maior autonomia nas relações entre a França e o Brasil. Para garantir uma comunicação em todos os níveis, resguardar a unidade e estreitar laços, criou-se o Conselho Geral Ampliado às Províncias, assim como um boletim próprio, o BREF, que significou a união dos três países que acolhiam a Congregação: Brasil, Ruanda e França.

As três Províncias instituídas, em 1970, foram: Província de França, Província Brasília e Província Nossa Senhora do Rosário. Posteriormente em 1975, criou-se a Província França-Bélgica (atualmente Lacordaire) e, em 1989, a Província Brasil Central.

O Capítulo Geral de Aggiornamento desencadeou um processo de transformação em três dimensões: a descentralização do poder, a formação permanente das religiosas e a busca de novas formas de vida apostólica. Nessa perspectiva, a

congregação implantou novas formas de presença no mundo, que influenciaram os rumos de toda a instituição:

Neste sentido, a Congregação desencadeou, no início da década de 70, um movimento rumo às periferias das cidades e pequenas cidades do interior, sobretudo no Brasil. Aqui, neste momento, se esforçava para por em prática as diretrizes assumidas pela Conferência de Puebla, México, que reafirmou a Teologia da Libertação, com suas propostas de mudanças profundas nas estruturas latino-americanas, em benefício da minoria, ou seja, dos pobres. E, pouco a pouco, A Congregação foi descobrindo novas formas de presença no mundo. Surgiram então, as inserções populares junto ao povo pobre e marginalizado (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo, 1995, p.24).

As decisões deste Capítulo Geral de Atualização foram determinantes nos rumos tomados por toda a Congregação. Seguramente os rumos tomados por cada instituição dominicana pautaram-se nos apelos da Igreja Católica que clamava por ações que evidenciassem a Teologia da Libertação. A atitude das Irmãs Dominicanas inseridas nos colégios e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, diante deste apelo, interfere profundamente nos rumos da Faculdade. Posteriormente, retomaremos esse aspecto importante na história da instituição em questão.

1.4 - Gênese da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino

O pioneirismo das irmãs dominicanas, embasado nos princípios da Ordem deixados por Madre Anastasie, foi um fator preponderante na gênese da primeira instituição confessional de ensino superior na região.

A elite sócio-econômica e cultural de Uberaba ansiava pela criação de uma instituição de ensino superior que viesse proporcionar aos jovens a continuidade de seus estudos sem necessidade de sair de seu convívio familiar. A educação uberabense era referência nacional através do Colégio Marista Diocesano, dos irmãos maristas, e do Colégio Nossa Senhora das Dores, das irmãs dominicanas. A atuação da Igreja foi decisiva por meio do Bispo Diocesano, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral que sempre se preocupava com a formação intelectual dos religiosos e leigos. Em 1944, fundou o Instituto Superior de Cultura que reunia a elite cultural de Uberaba, no qual historiadores, escritores, professores e religiosos participavam das aulas ministradas com Dom Alexandre e pelo professor de Literatura Santino Gomes de Matos.

Segundo relatos de ex-professores e religiosos, em 1945, numa das conferências oferecidas pelo Instituto, teve a presença de Alceu Amoroso Lima que, admirado com a consistência acadêmica da instituição, vislumbrou a realização do grande sonho: fundar uma Faculdade de Filosofia.

Dom Alexandre mobilizou a Igreja local juntamente com os Irmãos Maristas e as Irmãs Dominicanas, com o apoio do principal interlocutor da Igreja Católica no Ministério da Educação e Saúde Pública, Alceu Amoroso Lima. As Irmãs Dominicanas ficaram na organização da parte burocrática, com destaque à Irmã Virginita do Rosário que preparou toda a documentação. Ela deparou com algumas dificuldades e resistência de algumas irmãs do Colégio que não aceitavam a idéia. Foi imprescindível, o apoio de dois membros do Ensino Superior, do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, Dr. Jurandyr Lodi e D. Nair Fortes Abu Merhy que colocaram todas as exigências para a organização do processo de funcionamento.

Em 16 de setembro de 1948, o regimento foi aprovado pelo Parecer 551. Em dezembro do mesmo ano, por meio do decreto 26.044 a FAFI, Faculdade de Filosofia foi autorizada a funcionar com os seguintes cursos: Filosofia, Pedagogia, Geografia, História e Letras: Línguas Neolatinas, Clássicas, Anglo-Germânicas e Didática.

O ex-professor e ex-aluno da instituição, Eduardo Guimarães, faz uma análise do regimento e sua repercussão ao longo da trajetória da Faculdade:

A Faculdade de Filosofia tinha um regulamento de universidade feito nos moldes das regras da década de 40. Isso deu a ela um certo quadro que ela não desenvolveu; como as outras unidades universitárias de Uberaba também não desenvolveram. Por exemplo, era formar as pessoas de alto nível na escala acadêmica. Por exemplo, formar doutores. A Faculdade de Filosofia tinha no regimento dela o direito de formar doutores, como todas as unidades universitárias formadas na década de 40. Só que ela nunca formou um doutor (30/05/2005).

O fato da Faculdade não ter se preocupado com a formação de doutores, trouxe reflexos em seus rumos acadêmicos. Posteriormente, retomaremos esta questão, pertinente à formação docente humanista.

No dia 07 de março de 1949 aconteceu a primeira aula inaugural proferida por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, com a presença de 23 alunos matriculados, vários amigos e irmãs dominicanas da região.



Figura 4- Aula inaugural em 1961 –Madre Ângela, Ir. Virginita, Madre Maria do Sagrado Coração; Dom Alexandre, convidado, Alceu Amoroso Lima, Irmã Maria Rafael – Acervo Particular – Ir. Loreto

Ir. Maria Virginita assumiu a vice-direção da instituição até 1955. Sua ação foi definida por suas companheiras de trabalho com as características: “dinamismo, capacidade e competência, grande idealismo”. A depoente revela seu olhar para o futuro:

O meu sonho não era uma faculdade, mas uma Universidade [...] Os professores eram de primeira qualidade, como o Monsenhor Juvenal Arduini, Padre Prata, Santino Gomes de Matos e muitos outros [...] Havia um entusiasmo muito grande na escola, um entusiasmo que Deus me deu, para tudo. Até para esta atualidade assim, eu pensava assim: Deus me deu tudo, para passar o mesmo tudo, já acrescido do que eu possa ajudar. O tudo é de Deus (25/ 02/ 2005).

O primeiro regimento da Faculdade, datado de 1948, já trazia implícita a idéia de universidade. Como finalidade da instituição colocou-se a formação de professores com possibilidades de especialização e realização de pesquisas em vários domínios da cultura. O Art. 3º, § 2º previa: “Cursos de Aperfeiçoamento, destinados à intensificação do estudo de uma parte ou da totalidade de uma ou mais disciplinas não incluídas nos cursos ordinários.”

Essa visão de futuro é reconhecida também por seus ex-alunos e ex-professores em seus depoimentos que reafirmam o empenho das dominicanas pela formação docente universitária na graduação (cursos ordinários) e nos ditos cursos extraordinários (aperfeiçoamento e avulsos) (Art.3º,§1º e §2º- Regimento Interno).

Durante todo o período que esteve à frente da direção, Ir. Virginita mantinha um relacionamento aberto e dialogal com todo o corpo docente e discente, respeitando as individualidades e provocando sempre a busca do saber. Ir. Virginita do Rosário esteve

à frente da montagem da biblioteca e dos museus de arte. A biblioteca contava com mais de 10 (dez) mil volumes, livros de grandes autores, “uma fonte inesgotável de conhecimentos”. O prédio da biblioteca foi inaugurado, em 1970, pelo Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, o qual foi homenageado com o nome de sua mãe, Maria Passarinho, nomeando a biblioteca. Era considerada referência para toda a região. Ir. Virginita afirma em sua entrevista (anexo):

A biblioteca era a alma da faculdade. Não há possibilidade de uma escola sem livros. Se uma escola não pode viver sem livros, uma escola superior não pode viver sem uma biblioteca especializada e ao mesmo tempo totalizada. Por isso que eu tentei, formar uma faculdade forte. Escrevia para as Secretarias de Estado e pedia livros de história sobre o Estado, e sobre o trabalho de vocês podem me mandar também. Mas não se esqueça que a história tem vida. Então me arranjam bonecos vestidos a moda de sua região. Isso é o que eu pedia. Eu mandei para todos os Estados, para todas as secretarias de Estado. Tudo o que foi recebido eu fui fichando (25/02/2005).

Constam nos relatórios da Faculdade o trabalho e empenho junto ao Instituto Nacional do Livro, às Editoras, Embaixadas e Consulados para a aquisição do acervo da biblioteca. As doações referem-se a muitos livros, mapas, bandeiras, fotografias, quadros típicos, objetos folclóricos, hinos, artesanatos, filmes, obras de arte, partituras musicais, escudos e outros. Apelos foram feitos e atendidos pelas Embaixadas da Austrália, Japão, Canadá, Holanda e Itália.

O professor Evandro Martins, ex- professor e ex-aluno, analisou o empenho das Irmãs para a qualidade da biblioteca e posteriormente a destinação dos mesmos após o fechamento da FISTA:

Ir. Georgina durante o seu doutorado conseguiu mais de 4000 (quatro mil livros) com o Fidelino de Figueiredo, seu professor, para sua biblioteca. A biblioteca era invejável na área de latim, línguas clássicas, da literatura portuguesa, com muitas raridades, dicionários antigos. Alguns livros foram para Araxá e Barbacena. Muitos dicionários do século passado (21/04/2005).



Figura 5 - Biblioteca –FISTA- Década de 60. Acervo do CEDSTA - Uberaba.

A imprensa local registra a seguinte observação sobre a Faculdade no contexto sócio-cultural:

Sentiram os observadores logo nos primeiros dias, que à Faculdade estava reservado a honrosa missão de sacudir a estagnação em que adormeceu a vocação de Uberaba pela cultura. Abria-se um capítulo novo na história de nossa inteligência, não havendo lugar dentro dele, para os despidos de vontade e de confiança nos destinos desta comunidade, porque a vida da importante organização foi e continua a ser uma permanente afirmação de entusiasmo. Sem este, a sua existência não seria possível e, muito menos, o seu extraordinário desenvolvimento (Lavoura e Comércio, 01/02/1956, p. 01).

Alunos e professores se empenharam também na organização dos museus, imprescindíveis para a formação acadêmica, como fonte permanente de pesquisa. A imprensa da época faz destaque ao modelo de organização da instituição:

A Faculdade Santo Tomás de Aquino conta com vários museus, organizados pelas alunas sob a orientação dos professores:- arte, formado principalmente por objetos regionais, destacando-se curiosidades nordestinas para estudo de Etnografia, de mineralogia, de caráter eminentemente prático, com amostras de minerais bem catalogadas. Trata-se de material obtido pelas jovens do corpo discente, em excursões através do Brasil: Ouro Preto, Belo Horizonte, Gruta de Palhares, Goiás, Pará, etc. (Lavoura e Comércio, 01/02/1956, p. 01).

A Faculdade funcionou inicialmente dividida em dois departamentos: masculino e feminino. O Colégio Marista Diocesano e o Colégio Nossa Senhora das Dores acolheram, respectivamente, os alunos até 1954.

A primeira diretoria que assumiu o início da vida universitária da Faculdade foi: Diretora - Madre Ângela da Eucaristia; vice-diretora: Irmã Virginita do Rosário; Secretária: Irmã Lúcia Reis Ferreira. Como primeiros professores da instituição constavam: Antônio Tomás Pialho, Dom Almir Marques, Dr. José Mendonça, Dr. Mozart Furtado Nunes, Irmã Maria Loreto Gerbrim, Irmã Virginita do Rosário, Monsenhor Juvenal Arduini, Monsenhor Genésio Borges, Monsenhor João José Perna, Santino Gomes de Matos.

O depoimento de Ir. Joaquim Panini, irmão marista e ex-aluno da Faculdade, no departamento masculino do Colégio Marista Diocesano, na década de 50, ilustra os desafios enfrentados no início de sua implantação:

*Havia a ausência de um “Campus” e o desafio da convivência com os leigos, pois os professores eram todos padres e um Irmão Marista. O ritmo de nossos estudos eram essencialmente acadêmicos, com pouca pesquisa e insuficiente bibliografia, mas muito sérios, vividos num estilo de um Seminário ou Casa de Formação de Congregação Religiosa. O que mais me marcou foram dois aspectos: a) A sabedoria, a iniciativa, o pioneirismo e a determinação das Irmãs Dominicanas, de quem aprendi muitas lições do “**Contemplata, alliis tradere**”. b) A sabedoria e o exemplo do Professor Pe. Juvenal Arduini. Ainda não encontrei, até hoje, alguém que o superasse em todos os níveis(26/05/2005).*

A citação feita por Ir. Joaquim Panini quanto às lições do “Contemplata, alliis tradere” refere-se ao lema dominicano que se traduz: Contemple e dê aos outros o fruto de sua contemplação. Um ideal duplo que busca a graça de Deus e a transmite ao mundo. Contemplação e graça, fundidos um ao outro, foram características marcantes que fundamentaram a proposta pedagógica da Faculdade.

Com o crescente número de alunos, os dois departamentos se uniram e a Faculdade de Filosofia passa a funcionar, provisoriamente, num prédio cedido pelo Colégio Nossa Senhora das Dores, à Rua Governador Valadares. Este fato foi primordial para a integração e crescimento do corpo docente, assim como o sonho de construção de uma sede definitiva.

O terreno para a construção da sede própria foi doado pela família de um aluno da Faculdade. Este aluno, Joaquim Barbassa, fazia parte de um grupo de reflexão coordenado por Ir. Virginita que reunia professores, alunos, casais, semanalmente para

dialogar sobre temas diversos acerca da vida. Em seu depoimento, a religiosa reafirma a doação intermediada por Joaquim junto a sua tia, Maria Barbassa, proprietária do terreno. Percebe-se pela atitude do aluno, uma postura de pertença, de coresponsabilidade pelos projetos da instituição, motivado pelo acolhimento do grupo de reflexão ao qual pertencia. Numa relação dialogal, professores e alunos sonhavam com um espaço próprio.

A pedra fundamental foi lançada em 15 de novembro de 1956, com início das obras em 1957. A área de 40 mil m² foi doada à congregação com as concessões de direitos assinados por Augusto Carleto, sua mulher Angelina Barbassa Carleto e por Maria Zago Barbassa. A construção da sede definitiva no Alto São Cristóvão exigiu muito esforço da congregação que sempre “*tinha uma resposta de Esperança*”. O jornal Lavoura e Comércio, órgão de divulgação expressiva na cidade e região, trouxe contribuições a instituição, na socialização de detalhes interessantes da construção, o esforço das irmãs que não contavam com qualquer subvenção oficial:

Disse-nos a Irmã Virginita do Rosário que a nova sede da Faculdade será das mais completas e modernas do país. O bloco arquitetônico será de 04 pavimentos, ocupando extensa área, constante de 40 salas de aulas, sem se contar de salas especiais, laboratórios de química e de física, de psicologia, puericultura, geografia, história, etc. Amplo restaurante, dormitório, salão nobre, sala de assembleias, capela, pensionato e moderna praça de esportes, com piscina, quadras de vôlei e basquetebol.[...] Mantém-se a Faculdade com recursos exclusivos de suas taxas e do Colégio Nossa Senhora das Dores (26/06/1954).

Em 07 de março de 1961, foi realizada a inauguração do prédio próprio, localizado na Rua Manoel Gonçalves Rezende, 230, Vila São Cristóvão.

Este fato marca o início de uma nova etapa para a Faculdade. Instala-se num espaço propício capaz de acolher alunos, professores e irmãs religiosas que passam a residir no local. Havia um cuidado muito grande em acompanhar, acolher e atender bem a todos os alunos em sua integralidade.

O projeto arquitetônico da Faculdade foi considerado o mais moderno e imponente para a época. Sem nenhuma subvenção oficial do governo federal, estadual ou municipal para a instalação da nova sede, as irmãs avançaram no empreendimento de novos rumos.



Figura 6- Sede própria da Faculdade de Filosofia. Acervo: Museu das Irmãs Dominicanas – Uberaba

A imprensa local divulga o concurso vestibular para o ano letivo de 1961 e o reconhecimento dos novos cursos de Jornalismo, Química, Matemática e História Natural, por meio do Decreto Lei nº 50163 de 28 de Janeiro de 1961.

O jornal *Correio Católico* registra as iniciativas culturais e religiosas promovidas pela Faculdade. A diretora da Faculdade de 1948 a 1961, Madre Ângela Maria da Eucaristia, se empenhava em oferecer aos alunos e professores conferências e retiro espiritual, com religiosos e leigos ligados a JUC- Juventude Universitária Católica:

Num clima de silêncio, respeito e recolhimento teve início no domingo, à noite, e prosseguimento no decorrer do dia de ontem (de manhã e à tarde), o Retiro Espiritual que a Faculdade de Filosofia está a promover para os universitários do estabelecimento.[...] Às 9 horas, numa das salas da Faculdade, Frei Lucas Moreira que é assistente da JUC no Rio de Janeiro e tradutor dos famosos “Poemas para Rezar” proferiu sua primeira conferência dentro do programa do Retiro. O pregador escolheu para tema de suas palestras: “A vocação divina”.[...] As cerimônias, missa, palestras, círculos, bem como as leituras meditativas do antigo e novo testamento, vêm decorrendo dentro de uma atmosfera de absoluta compenetração, demonstrando aos universitários, compreensão e esclarecimentos a

respeito do valor, da extensão e do significado deste movimento de recolhimento espiritual. “No Evangelho Encontramos O Verdadeiro Caminho Para A Nossa Vocação Divina” (Correio Católico, 27/10/1959, p. 1).

A presença de atividades como esta, no cotidiano da escola, possibilitou uma formação acadêmica diferenciada, assim como interferiu nas concepções de homem, de sociedade e de educação de seus professores e alunos. A perspectiva cristã era uma tônica no contexto cultural de Uberaba. Tristão de Athayde em um de seus artigos reconhece uma “*sede de cultura nitidamente cristã*” no contexto local e regional:

E junto a essa fixação local, há mais de um século, dos filhos de São Domingos, sempre desbravadores e apostólicos, de que é testemunho o templo gótico, com sua bela pedra vermelha, que o mau gosto dos acafeladores não conseguiu até hoje destruir... – outro dado pessoal é responsável por essa aura autenticamente cristã da incipiente fermentação cultural uberabense: a presença de um bispo da qualidade intelectual, moral e espiritual de Dom Alexandre do Amaral. É um dos mais autênticos tomistas do nosso clero. Mas é o primeiro a apoiar o curso que um dos seus auxiliares mais abnegados, o professor de filosofia Monsenhor Arduini, está dando sobre Teilhard de Chardin, avidamente seguido por toda a mocidade uberabense (No vértice do triângulo, Estado de Minas, 1963).



Figura 7- Alceu Amoroso Lima-(Tristão de Athayde) Presença especial na inauguração da sede própria- 1961. Acervo particular - Irmã Loreto

Esta afirmação de Alceu Amoroso Lima revela o compromisso dos educadores da FISTA com a visão antropológica, principalmente o esforço de Monsenhor Juvenal Arduini. A ex-aluna Terezinha Campanholi freqüentou o curso sobre Teilhard de

Chardin, ministrado por Monsenhor Juvenal, no período de 10 de agosto a 14 de setembro de 1965. O referido curso foi uma promoção da FISTA e da Escola de Enfermagem Frei Eugênio, também dirigida pelas Irmãs Dominicanas. Terezinha Champanholi expressou em seu depoimento a relevância dos cursos que suscitavam uma nova mentalidade na juventude uberabense:

Sempre participei dos cursos oferecidos na Faculdade, abertos àqueles que queriam aprofundar, com profissionais de alto nível que nos provocavam a fazer diferente, a sermos mais ousados diante da sociedade tradicional de Uberaba.(17/05/2006)

Irmã Loreto, primeira professora religiosa da FISTA, desde sua fundação em 1949, com doutorado em Sorbonne, em Geomorfologia, acompanhou a Faculdade durante toda sua trajetória até 1980. Ela colaborou muito com a “fermentação cultural uberabense.” Em 1960, ela foi convidada a participar do Projeto Rondon em Altamira, juntamente com Dr. Guerra, Dr. Ronaldo Cunha Campos e Ivan, contador. Durante dois meses organizaram e planejaram o ambiente para receber os alunos. Ir. Loreto afirma:

Durante este tempo, nós podemos fazer um planejamento de trabalho, conversar com o prefeito, ver pistas de atividades para vários cursos, medicina, engenharia, ciências humanas etc. Foi muito interessante! Eu ia nas agrovilas, uma ou duas vezes a Belém. Trabalhei na parte mais educativa, o Dr. Ronaldo nas ciências, direito e economia. Dr. Guerra na parte de saúde. Nós demos várias pistas para que os alunos tivessem um trabalho organizado (15/04/2005).

Experiências como essa comprovam a organização do tempo escolar da Faculdade e sua atenção aos projetos nacionais destinados à educação. No período de 1960 a 1964, no Brasil, surgiu a “Aliança para o Progresso”, um dos acordos feitos entre o Ministério da Educação e Cultura –MEC e a USAID- United States Agency for International Development- agência do governo americano. Destinaram recursos à educação primária e à alfabetização de adultos, sobretudo no Nordeste, como a experiência de Paulo Freire em Angicos, no Rio Grande do Norte.

Esse esboço histórico sobre a gênese da congregação dominicana e da Faculdade de Filosofia buscou elementos para melhor apreensão da formação docente humanista implementada em toda sua trajetória. No capítulo seguinte, discutiremos os elementos que garantem a identidade do corpo docente, sua influência na vida acadêmica local e a ressonância na educação nacional.

CAPÍTULO II:

UM OLHAR SOBRE A GÊNESE E CONSOLIDAÇÃO DO CURRÍCULO HUMANISTA

A História da Educação deve ser compreendida como o resgate do modo pelo qual os homens produziram sua existência. Maneiras de pensar, de agir, de sentir, configuram a cultura. É preciso compreender a educação como aprendizagem da cultura, pois cultura e educação são inseparáveis, intrínsecas ao ser humano.

Nessa perspectiva, percebemos que a formação docente assumida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, no período de 1960 a 1980, na cidade de Uberaba, Minas Gerais, situa-se no interior da filosofia da existência. Mas, o que caracteriza a filosofia da existência?

Pesquisadores e filósofos a conceituam como aquele pensar que visa à investigação do existir humano no mundo, expor o homem a si mesmo. Assim, o homem é compreendido como um ser de relações, que se encontra no mundo, com o mundo e com os outros. Para o filósofo existencialista, é fundamental a autenticidade da existência humana que se manifesta no compromisso do ser humano, como ser de relações.

A partir dessa visão existencialista, faremos um breve estudo sobre as concepções de conhecimento e currículo, seu desenvolvimento nos anos 1960 e 1970, e seus aportes teóricos. Nosso propósito é entender como a interação dos campos educacional, econômico, social e político brasileiros refletiram na definição dos rumos do campo curricular e na formação docente da Faculdade em questão.

É fundamental explicitar o currículo acadêmico com base na reflexão sobre o significado do conhecimento. Entendemos o conhecimento, como uma realização humana, é uma atividade complexa, um processo de construção do real. O conhecimento acadêmico não é um conjunto isolado de informações, algo dado e

acabado, porém está engajado num conjunto comprometido com uma determinada visão de mundo. Percebe-se que a concepção de mundo que permeia a trajetória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino está intimamente ligada a um saber antropológico, que traz a humanidade como essência.

2.1- As concepções do currículo humanista

O pensamento de Henry Giroux, teórico da sociologia do currículo, traz uma visão nova de currículo como forma de política cultural e do professor como intelectual transformador. Sua análise abre novas possibilidades nas relações entre escola, currículo, professor e sociedade contribuindo para outras perspectivas na formação docente. Para GIROUX (1993), os ideais da modernidade que vinculam memória, ação humana e razão na criação de uma sociedade mais justa precisam ser conservados e defendidos. A escola é vista como um espaço político e cultural, “*na qual formas de experiências e de subjetividades são contestadas e produzidas*” que a torna forte agente de transformação social.

Assim, o autor nos possibilita a compreensão das possibilidades emancipatórias do currículo, não apenas um conjunto de conteúdos e métodos, mas um esforço de introduzir o educando a um determinado modo de vida.

Nesse sentido, Moreira complementa com sua análise da autoridade textual, linguagem e poder, na qual a prática discursiva legitima o currículo como parte de uma luta mais ampla:

Em outras palavras, insito em que se verifique se e como autoridade textual presente nas salas de aula da licenciatura tem sido usada. Se os que preparam professores/as desejam contribuir para formar sujeitos autônomos, críticos, criativos e comprometidos com a democracia e a justiça social, é indispensável auxiliá-los a perceber como diferentes vozes podem ser constituídas em meio a relações pedagógicas específicas que acolham e critiquem seus significados, suas histórias e suas experiências (MOREIRA, 1995, p. 11-12).

A preocupação de Moreira é fundamental na relação professor/ aluno em que se prioriza a formação integral, a partir dos princípios de um currículo humanista. O professor posiciona-se criticamente diante do conhecimento trazendo uma abordagem integrada e contextualizada dos saberes. Considera a aquisição do conhecimento um fator social que garantirá a conscientização e a transformação social. Nesse sentido, perpassam pelo currículo as relações de poder existentes nas experiências de

aprendizagem. Esses traços são essenciais para uma abordagem do currículo à luz do humanismo.

2.2- Fundamentos da abordagem antropológica do currículo

Historicamente, as disciplinas humanistas ganham importância na pedagogia durante o Renascimento. Nesse período há um retorno e valorização do estudo das línguas, da literatura, da história, geografia e das artes em geral. A investigação cautelosa dos clássicos greco-latinos tornou-se um requisito básico para a formação do sábio, para a preparação do aluno para a contemplação. Elas relacionavam-se aos fatos universais e abstratos, propiciavam a sabedoria.

Diante da complexidade da busca de um conceito para o humanismo, que aportasse a concepção antropológica, encontramos interpretações, surgidas no final do século XIX, como importantes correntes filosóficas ditas humanistas: Humanismo Cristão, Existencialista e Marxista. Cada uma compreende a essência do ser humano de forma singular e consensual.

2.2.1- O humanismo cristão

Um grande filósofo francês, do período em questão, referência básica para os educadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, foi Jacques Maritain (Paris 1882- Tolosa 1973) que revela em sua rica personalidade aspectos humanos e religiosos. Ele era a base para o trabalho docente, pois expressava o verdadeiro humanismo cristão. Na biblioteca da Faculdade havia a coleção completa de Maritain com uso constante, principalmente pelo Prof. Monsenhor Juvenal Arduini, filósofo e teólogo.

Maritain revela em suas obras uma sede de justiça e de verdade que o animou a vida inteira. Um desejo de servir o proletariado e a humanidade. Entre os anos de 1910 a 1920 empenhou-se em estudar o pensamento de Santo Tomás de Aquino. De 1928 a 1939, em Meudon, próximo a Paris, transforma a casa dos Maritain em lugar de encontro de escritores, artistas, filósofos, teólogos e intelectuais. Em 1954, os Maritain dedicaram-se à vida intelectual, “sempre inseparável da vida espiritual, do amor e do serviço às almas”. Estabelece a instituição dos círculos tomistas, com o objetivo de estudar o pensamento de Santo Tomás. Uma de suas obras primas: *Distinguir para unir* ou *Os graus do saber* (1932) e uma das mais conhecidas: *Humanismo integral* (1936).

Maritain (1980.p.30) busca ser preciso em esclarecer que o seu tomismo é “*um tomismo vivo e não um tomismo arqueológico*”. Procura entendê-lo como uma concepção que “oferece uma resposta aos problemas da idade moderna na ordem do especulativo e prático”; que “*tem uma virtude formativa e libertadora quanto às aspirações e às inquietudes do tempo presente*”. Conciliar cristianismo e humanismo: eis a tarefa que assumiu Maritain.

Nesse sentido, a palavra chave do humanismo de Jacques Maritain é o amor. Identificamos também, na proposta educativa da FISTA, não de forma explícita em seus documentos, mas nos relatos e depoimentos de seus docentes em suas práticas que este ideal estava presente. A postura e testemunho de seus alunos e professores pressupunham o desejo de uma sociedade mais justa, humana, construída pelo homem, a partir da vivência de valores éticos, diante de uma sociedade excludente, injusta e patriarcal.

O depoimento do Professor Evandro Martins traduz essa prática entre docentes da FISTA:

Interessante, a presença de padres e espíritas: A Irmã Patrícia dizia, nós temos uma coisa em comum que é Jesus Cristo, o resto não vale a pena discutir. Havia um respeito. Temos uma mensagem que é nossa vida. A despeito de o homem ser falho em muita coisa, eu acho que naquele momento eu tenho que mostrar essa visão de mundo. Quantas vezes, tivemos longas conversas com Pe. Prata, em Sociologia, com Monsenhor Juvenal, na área Filosofia e outros cursos, então todo mundo tinha essa formação. É como se reunisse ali, um grupo preocupado, a massa pensante daquele momento de Uberaba(21/04/2005).

Para aprofundarmos esta concepção buscamos em John Dewey (1859-1952), outro pensador de destaque da educação do século XX, a visão de escola: instituição que deve educar para o tipo de sociedade que pretende estabelecer. Assim, à medida que a escola produzir pessoas diferentes, contribuirá para a melhoria da sociedade. Sua frase célebre: “*a escola não é uma preparação para a vida, a escola é a própria vida*”.

Dewey foi referência básica nos grupos de estudos e debates da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. O ex-professor e ex-aluno Evandro Martins, faz a seguinte afirmação quando relata a importância da faculdade na sua formação docente: “*Nós somos aquilo que fomos. O nosso ontem marca a nossa vida.*” Outro depoimento que ilustra a função formativa da escola para as diferenças numa

perspectiva humanista é do ex- aluno e ex-professor Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães:

Nossa caminhada foi muito interessante: a gente tinha Vygostik sem nomeá-lo, tinha a vivência da contradição dialética, sem saber, viver com precisão e aproveitar, aprendemos que a melhor aprendizagem é aquela que te desafia, quando você vai fazer o fácil, você não aprende, você aprende quando se desestrutura; assim, era Piaget aplicado porque desde a desestruturação para você entrar em equibração. As Irmãs faziam isto no dia a dia, sem nomear teóricos.

A teoria curricular de Dewey nos revela um compromisso com o crescimento individual e com o progresso social, nos quais o professor deve engajar-se “*não apenas no treinamento de indivíduos, mas também na formação de uma vida social apropriada*” (DEWEY 1974, p.439). Assim, seu empenho em transformar a escola em “*uma forma de vida social, uma comunidade em miniatura*” (DEWEY, 1966, p.360) que busca harmonia com as experiências fora do âmbito da escola. Outra preocupação central dele era o desenvolvimento do pensamento reflexivo, um interesse em compreensão; expressa que “*a reflexão é o método de uma experiência educativa*” (DEWEY, 1966, p.163).

Elsie Barbosa, (ex-aluna, ex-professora e diretora da FISTA) no período de 1977 a 1980, reafirma essa concepção ao longo de sua trajetória docente humanista:

Para quem soube vislumbrar um caminho seguro para o exercício profissional, os fundamentos e as orientações de leituras e situações de discussão constituíam em novas experiências. É como se a luz divina se dispusesse a brilhar mais nos caminhos percorridos e a percorrer. Nada era fácil, mas tudo nos impulsionava para a escalada do futuro: pegadas firmes e olhares para o alto (14/07/2005).

No nível de organização curricular, DEWEY defende a organização psicológica com ênfase nas experiências das crianças conciliadas aos fins, idéias e valores sociais. É visível em seu pensamento o interesse em controle técnico, o valor da ciência. O método científico, para ele, deveria ser aplicado em todos os setores da vida. “*Eu diria mesmo que somente a substituição gradual da educação literária por uma educação científica pode assegurar ao homem a melhoria da espécie*” (DEWEY, p. 191). Há uma crença no espírito científico como possibilidade de criação de uma sociedade democrática:

A educação possui no método científico um instrumento potencial para eliminar as confusões e conflitos da situação atual e para promover a transição para uma sociedade livre de muitos dos traços

da vida contemporânea já identificados como indesejáveis (DEWEY; CHILDS 1933, p. 61-62).

Percebe-se que há uma preocupação com a construção de um ambiente instrucional científico, equilibrado, executado por especialistas, onde ele enfatiza a necessidade de interação entre professores e alunos, assim como a participação dos alunos na escolha das atividades “*de modo que se tenha aprendizagem como sua conseqüência*” (DEWEY,1974,p.181).

Nesse sentido, a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino preocupou-se com a organização da prática educativa, com um ambiente favorável à busca do conhecimento. Elsie Barbosa relata que os alunos eram desafiados, impulsionados a buscar novas estratégias, com autonomia e responsabilidade:

Nesse ambiente, a relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, professor-professor tinha que ser estabelecida dentro dos princípios de moderação, de equilíbrio dinâmico. Controvérsias normais, discussões calorosas, mas um comprometimento dos professores aliviava as tensões da gestão organizacional (14/07/2005).

Essa preocupação com as relações interpessoais equilibradas interferiu na concepção de currículo que permeava o trabalho educativo da FISTA. Era entendido como uma estrutura que se compunha na prática, auto-organizando-se na medida em que as exigências regulamentares se faziam necessárias. O depoimento e experiência da ex-aluna e ex-professora Maria de Lourdes de Melo Praes, nos anos de 1960 e 1970, explicita os pressupostos que produziram o diferencial curricular da faculdade:

[...] sempre foi imperioso na FISTA, reflexões e debates do tipo: quem somos nós, qual a nossa identidade como instituição, onde pretendemos chegar, com que recursos contamos, o que é possível fazer para potencializar ou obter a base material e humana necessária à realização do que defendemos?Quais as finalidades da educação que devem nortear a nossa prática educativa? (01/ 05/ 2006).

Caminhando nessa perspectiva, as entrevistas e documentos oficiais analisados junto aos professores e ex-alunos revelam uma preocupação de todo corpo docente em promover o avanço do saber, o espaço da invenção, da descoberta e elaboração de teorias.

Nessa linha, a Faculdade mantinha cursos da seguinte natureza: Graduação, Aperfeiçoamento, Especialização, Atualização e Extensão. Os cursos de Graduação

eram de curta ou plena duração, conforme a natureza dos estudos e as necessidades de trabalho. Em cada curso havia as disciplinas obrigatórias e outras eletivas. Em todos os cursos constavam como disciplinas obrigatórias uma disciplina na linha de formação humana: Lógica, Teologia, Filosofia, Sociologia ou Doutrina Social.

O quadro abaixo apresenta os cursos de graduação oferecidos pela FISTA:

Quadro I – CURSOS DE GRADUAÇÃO
(após a reforma universitária – Lei 5.540/68)

<i>Cursos</i>	<i>Habilitação</i>	<i>Carga horária</i>	<i>Cumprimento</i>	
Letras	Português Português-Francês Português-Inglês	2.200 horas Duração Plena	Mínimo:	Máximo:
Pedagogia	Inspeção Escolar Supervisão Escolar Administração Escolar Orientação Educacional Magistério das disciplinas pedagógicas do 2º grau		03 anos ou seis períodos letivos	07 anos ou 14 períodos letivos
Filosofia				
História				
Geografia				
Comunicação Social	Jornalismo	2.200 horas	Mínimo: 03 anos 06 períodos	Máximo: 06 anos 12 períodos
Ciências	Química Matemática Biologia	2.800 horas Duração Plena	Mínimo: 03 anos ou 06 períodos	Máximo: 07 anos ou 14 períodos
Ciências		1.800 horas Curta duração	Mínimo: 02 04 períodos	Máximo: 04 08 períodos
Estudos Sociais		1.200 horas Curta duração	Mínimo:	Máximo:
Pedagogia	Inspeção Escolar Supervisão Escolar Administração Escolar		01 ano e meio 05 períodos	04 anos 08 períodos
Pedagogia	Magistério- Disciplinas Pedag.	1.100 horas Complementação	Mínimo: 01 ano	Máximo: 03 anos
Arquitetura e Urbanismo		3.600 horas	Mínimo: 04 anos	Máximo: 06 anos

Fonte: Regimento Integrado - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino.

De acordo com a documentação, registros em atas e diários, o número de alunos por turma era pequeno, em média, 20 alunos, porém com atendimento nos turnos matutino, vespertino e noturno. Entre o corpo discente havia uma predominância do sexo feminino. Os alunos dos cursos noturnos eram, na maioria, trabalhadores e tinham gratuidade, parcelamentos ou descontos de acordo com suas necessidades. Muitos alunos pagavam suas mensalidades com a prestação de serviços, na própria Faculdade, atuando na biblioteca, na recepção ou outra atividade que melhor adaptasse às suas habilidades.

Segundo Ir. Glícia, diretora por 10 anos, de 1968 a 1977, ninguém deixou de estudar por não ter condições de pagar. Durante alguns anos, funcionou o internato que abrigava as alunas das cidades mais distantes. Durante sua gestão o corpo discente ganha expressão em número e qualidade. Em 1973, a Faculdade registrou 1.175 alunos matriculados. Os trotes universitários foram substituídos por brincadeiras carnavalescas e doações solidárias. Ir. Glícia também proporcionou aos alunos e professores cursos de cultura religiosa com a presença de Alceu Amoroso Lima, João Mohana, Florestan Fernandes, Padre Vasconcelos (membro do Conselho Federal de Educação), Padre Quevedo e Tescarollo.

Diante dessa visão de educação, sentimos a provocação de aprofundar as concepções de currículo que permeavam a prática educativa, a partir da trajetória histórica da instituição fundamentada num referencial teórico. É importante delinear esta trajetória que irá nos sinalizar as características do currículo voltado para uma formação humanista.

2.2.2- Características do currículo humanista

Nesta linha de pensamento deparamos com Louise Berman que nos traz as contribuições sobre o currículo humanista. Sua visão nos diz que *“habitualmente, os currículos escolares têm dado ênfase mais ao que já acontecem do que o que está por vir, e que as pessoas e os programas escolares precisam ser orientados para o futuro, devido ao ritmo demasiadamente acelerado do mundo de hoje e de amanhã”*(BERMAN 1975, p.34). Acrescenta, ainda, que para se alcançar o *“núcleo essencial da vivência e da compreensão humanas”*, o currículo deverá buscar e estabelecer os *“seus pontos de ênfase ou prioridades”* (BERMAN,1975, p.13) que considera como os elementos essenciais dos processos de construção curricular.

Esta visão crítica de olhar para o futuro é marcante na prática dos educadores da FISTA que primavam por uma educação de qualidade. O depoimento da educadora Vânia Maria Resende nos sinaliza o rumo assumido pela instituição:

Desde os anos de estudante no Curso de Letras o clima de participação cultural já era evidente e intenso. Seminários, concursos promovidos pelo Centro de Estudos Portugueses, exposições artísticas; ações do diretório acadêmico... Entrega total a pesquisas e leituras que nos levavam a passar noites estudando (23/08/2005).

O currículo humanista traz em sua essência a matriz da pedagogia da existência vinculado à vertente fenomenológico-existencialista. Sabe-se que a história é feita com a participação de sujeitos sociais e estes não foram apenas figurantes no seu tempo, mas, sim, atores que empreenderam um fazer histórico. Assim, a concepção de homem como ser plural, estando no mundo, “*ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é*” (FREIRE, 1979, p. 25).

Com esta visão existencialista, Paulo Freire (1921-1997) contribuiu como poucos na reflexão do homem e seu compromisso com a sociedade. Sua pedagogia mostra um novo caminho para a relação entre educadores e educandos. Caminho este que consolida uma proposta político-pedagógica elegendo educador e educando como sujeitos do processo de construção do conhecimento mediatizados pelo mundo, visando à transformação social e à construção de uma sociedade justa, democrática e igualitária.

Na América do Sul, Europa, África, América do Norte e Central, suas idéias revolucionaram o pensamento pedagógico universal, estimulando a prática educativa de movimentos e organizações de diversas naturezas. Três filosofias marcaram sucessivamente a obra de Paulo Freire: o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo sem, no entanto adotar uma posição ortodoxa. Seu pensamento rompeu a relação cristalizadora de dominação, buscando pensar a realidade dentro do universo do educando, construindo a prática educacional considerando a linguagem e a história da coletividade elementos essenciais dessa prática. Em Paulo Freire vida, pensamento e obra se juntam. Pensa a realidade e a ação sobre ela, trabalhando teoricamente a partir dela. Segundo ele, as questões e problemas principais de educação não são apenas questões pedagógicas, ao contrário, são políticas.

Sua proposta, a pedagogia crítico-libertadora, aliada a sua visão antropológica, marcaram a formação docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Trabalhou com algumas religiosas e freis dominicanos na Ação

Católica e capacitou professores da FISTA para os programas de educação popular. Foi o mestre da palavra, da fé, da esperança e do amor, da indignação, da ética, da liberdade e tantas outras aprendizagens que nos leva a aprofundar o estudo sobre as idéias freireanas.

2.2.3- Paulo Freire e a pedagogia da existência

Paulo Freire, do ponto de vista antropológico comunga dos princípios do existencialismo, segundo os quais o homem é compreendido como um ser que se encontra no mundo, com o mundo e com os outros, tema este constante em todas as suas obras, a começar pela “Pedagogia do Oprimido”, que abre o livro com as seguintes palavras:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura, ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 1975, p. 101).

Tal antropologia vincula-se, do ponto de vista epistemológico, aos princípios da fenomenologia e da dialética marxista. A idéia de fenomenologia de Edmund Husserl fundamenta a visão do transcendental. Da Fenomenologia, Freire busca o seu princípio fundamental: “A Intencionalidade da Consciência.” Há mundo na medida em que existem homens que o intencionam e existem homens na medida em que há mundo. É justamente neste princípio que Paulo Freire fundamenta as relações do homem no e com o mundo. A consciência não é, pois, um recipiente dentro do homem, esperando que seja enchida por informações recebidas e advindas de outros. A consciência é um abrir do homem para o mundo.

O Marxismo Paulo Freire comunga com alguns de seus princípios antropológicos: i) a não existência de uma natureza humana em geral; ii) o ser humano é sempre historicamente condicionado pelas relações com os outros e com a natureza; iii) estas relações condicionam o indivíduo, a pessoa humana existente, mas os indivíduos por sua vez condicionam-se, promovendo a sua transformação (dialética); d) o indivíduo humano é um ser social.

Marx compreende o homem como um ser social, historicamente condicionado pelas relações com a natureza e com os outros homens e pelo trabalho produtivo. Tais

relações condicionam o indivíduo e os indivíduos condicionam-se, promovendo a transformação e o seu desenvolvimento. É também, nesta perspectiva, que Freire entende o homem. Ao mesmo tempo em que é dinamicamente situado, é capaz de transcender os condicionamentos naturais e culturais de sua “circunstância” e, por isso mesmo, em conjunto com os outros homens, está habilitado a interferir com criatividade em suas próprias condições de existência. O homem realiza integralmente a sua humanidade à medida que interfere no âmbito das relações que mantém com os outros homens. É um ser aberto ao mundo, criador de sua própria cultura. Entretanto, as possibilidades de interferência do homem se definem e encontram suas limitações no interior de uma realidade histórico-social determinada.

Nesse sentido, Paulo Freire concebe o ser humano situado historicamente numa sociedade, em que a “essência” é um conjunto de situações objetivas (economia, política, religião, etc). Para ele, uma proposta pedagógica construída com base em uma essência humana universal é no mínimo alienada e alienante do ponto de vista político, autoritária e com a possibilidade de ser menos eficiente do ponto de vista metodológico. Assim, ele afirma:

Não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de invasão cultural”, ainda que feita com a melhor das intenções. Mas invasão cultural, sempre (FREIRE, 1975, p. 102).

Esta concepção é reafirmada em um de seus livros mais importantes: *Educação como prática da liberdade* (1976). Neste livro, Freire refere-se à teoria como um contemplar, ver, observar. Contemplar tem um sentido místico, porém carregado de um profundo sentido pedagógico, ao fazer desse contemplar a cultura, o sujeito da educação, o fenômeno educativo e principalmente o homem e a sociedade. A teoria é um princípio de inserção do homem na realidade como ser que existe nela, e existindo promove a sua própria concepção da vida social e política. Assim, tem um caráter transformador, cumprindo sua função de reflexão sobre a realidade concreta:

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vive-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade (FREIRE, 1979, p. 93).

Em relação à prática, fundamenta-se na dialética hegeliana da relação entre “consciência servil” e “consciência do senhor”, ampliada para a conceituação de práxis colocada por Marx, referindo-se à relação subjetividade-objetividade. Ele afirma que é necessário não só conhecer o mundo, é preciso transformá-lo, o que coincide com Marx. Conhecer não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização, envolve intercomunicação, intersubjetividade e educação. A prática não deve ser descontextualizada da leitura de mundo, ao contrário, vincula o homem na busca consciente de ser, estar e agir no mundo num processo dinâmico, em que se apropria da prática para dar sentido à teoria. A função da prática é a de agir sobre o mundo para transformá-lo. A relação entre teoria e prática é uma articulação dialética, expressa um movimento de interdependência, determinação e negação do outro. É uma reflexão teórica, pressuposto e princípio que busca uma postura, uma atitude do homem face ao homem e do homem face à realidade. Uma relação coerente entre pensamento e ação: a práxis. Seu posicionamento é claro quanto a essa relação:

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão se dão simultaneamente (FREIRE, 1983, p. 149).

Diante dessas afirmações, é fundamental que o educador perceba a relação dialética entre ação-reflexão-ação que deverá permear o processo de conscientização. Há um vínculo entre teoria e prática que forma um todo onde o saber tem um caráter libertador. Esse processo de integração é significativo, vincula-se ao diálogo, levando o homem a novos níveis de consciência, a novas formas de ação. Esta concepção foi vivenciada por Maria Terezinha Pádua, ex-aluna da FISTA, com as professoras de Didática em suas aulas: *D. Zilma Burgiatto dizia que tinha a convicção do caminho certo, a segurança na prática, porque “isto eu vivi, dá certo”. É a prática referendando uma teoria (26/03/2006).*

Assim, o pensamento pedagógico de Paulo Freire aponta para a comunicação, como princípio que transforma o homem em sujeito de sua própria história, por meio de sua inserção na natureza e na cultura. A comunicação possui um caráter problematizador que gera consciência crítica, busca o compromisso de mudança da realidade.

Portanto, Freire parte sempre da análise do contexto da educação como um processo de humanização, isto é, o caráter problematizador que se dá por meio do

diálogo, com base existencialista; visto que o diálogo “*se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens*” (FREIRE, 1983, p. 93). É fenomenológico, quando privilegia a palavra como objeto auxiliar do pensamento, quando diz que, “*não existe linguagem sem um pensar e ambos, linguagem e pensar, sem uma realidade a que se encontrem referidos*” (FREIRE, 1983, p. 102). É político, na medida em que permite uma compreensão crítica da prática social na relação social, histórica e cultural no qual o homem está inserido, ou seja, conhecimento e transformação são exigências recíprocas.

O ato pedagógico é visto como uma ação que não consiste em comunicar o mundo, mas criá-lo dialogicamente, um conhecimento do mundo. Por meio do diálogo o homem se comunica com a realidade e aprofunda sua consciência. Torna-se capaz de perceber a sua práxis no contexto opressor e transformá-lo. Daí que toda ação educativa deve levar em consideração a visão de mundo do educando, para não se tornar uma educação bancária. Neste modelo, o professor é o que diz a última palavra e os alunos só podem receber e aceitar passivamente o que o professor disser. Como e quem define os conteúdos? Paulo Freire não admite que os conteúdos sejam apenas uma questão técnica, de competência apenas do especialista, mas do educador e educando, mediatizados pela realidade histórica. Assim,

é na realidade mediatizada que iremos buscar o conteúdo programático da educação(...) O momento desta busca é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático ou o conjunto de seus temas geradores (FREIRE, 1975, p. 102).

Estas idéias são reafirmadas na “Pedagogia da Esperança” em relação à questão de quem define os conteúdos: (...) “*é saber quem escolhe os conteúdos, a favor de quem e de que estará o seu ensino, contra quem, a favor de que, contra que*”. Portanto não é possível “*democratizar a escola sem democratizar a escolha dos conteúdos, sem democratizar o seu ensino*” (FREIRE, 1992, p. 110-111).

As mesmas diretrizes são citadas em Pedagogia da Autonomia: “*Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos*”. É papel do professor ou da escola não só respeitar os saberes dos educandos, mas afirma Paulo Freire: “*Como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos*” (FREIRE, 1997, p. 33).

É justamente nesta perspectiva que a idéia da existência que Paulo Freire aproxima a educação para o pensar e conscientização. Um dos aspectos fundamentais da pedagogia freiriana é a humanização dos oprimidos. A vocação ontológica do ser humano é o ser mais. Vocação historicamente negada pela violência dos opressores. A situação de opressão gera o que Paulo Freire chama de “cultura do silêncio”. Somente uma educação conscientizadora poderá superar tal cultura, visto que a conscientização procura dar ao ser humano a oportunidade de descobrir-se por meio da reflexão acerca da sua existência.

Tal educação só é possível mediante uma pedagogia libertadora. Esta prática libertadora foi um dos desafios que a FISTA procurou implementar ao longo de sua trajetória. Evidencia-se na organização de seu tempo escolar a inclusão de disciplinas humanísticas nos diferentes cursos de graduação, oportunizando maior conscientização: Antropologia Filosófica, Sociologia, Filosofia da Educação, Teologia e outras.

Paulo Freire, no livro *Conscientização*, descreve como se processa a conscientização, em que, há num primeiro momento, uma aproximação espontânea do homem com o mundo, ainda numa visão ingênua. Com o aproximar-se espontâneo, o homem faz simplesmente uma experiência da realidade. Essa tomada de consciência ainda não é a conscientização, pois esta consiste no desenvolvimento crítico da consciência. Assim, a conscientização implica em ultrapassar a esfera espontânea da apreensão da realidade, para a dimensão crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. Nesse sentido, quanto mais conscientização mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto. Uma primeira exigência para que aconteça a conscientização é a rigorosidade dos procedimentos do conhecimento científico. A outra é o compromisso (engajamento) político.

Nesse sentido, no decorrer de nossa investigação, analisamos a organização curricular da FISTA e percebemos que os professores e alunos, em diferentes níveis, eram formados para uma visão do conhecimento como prática da liberdade, em que as ações pedagógicas traziam o homem como sujeito do processo conscientização. Evandro Martins, ex-professor e ex-aluno nos confirma:

Em plena revolução, em 1969, havia filosofia na Letras. A Madre Alexandra é quem dava. Lembro-me que um dos livros que estudamos foi o Homem-Libertação. Período de repressão, em que houve a prisão dos meninos em Ibiúna, o congresso a UNE, onde prendeu gente até de Uberaba (17/04/2005).

Paulo Freire, em seu livro *Educação na Cidade*, expressa a dimensão política da educação:

Trabalhar numa postura conscientizadora, não importa se com camponeses brasileiros, ou hispano-americanos, ou africanos ou se com universitários de qualquer dos mundos é procurar, com rigor, com humildade, sem a arrogância dos sectários demasiado certos de suas certezas universais, desocultar as verdades escondidas pelas ideologias tão mais vivas quanto delas se diz que estão mortas (FREIRE, 1995, p. 113).

Diante das considerações acima descritas, conclui-se que Paulo Freire fundamentou-se no existencialismo, na fenomenologia e marxismo, partindo do princípio de que o saber é um fazer mergulhado de historicidade, e, portanto, “particularizável em assuntos regionais”. O ponto de partida é a realidade concreta do homem, e este reconhece o seu caráter histórico e transformador. A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, provoca um desvelamento da realidade, induz à transformação. Assim, a educação libertadora é acima de tudo uma educação conscientizadora na medida em que além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, tanto o educando quanto o educador aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível para poder intervir sobre ele. O comprometimento com a transformação social, é a premissa da educação libertadora. Libertação que não é só individual, mas principalmente coletiva, social e política.

A professora e ex-aluna da FISTA, Maria de Lourdes de Melo Praes participou de cursos com Paulo Freire na Faculdade e, posteriormente foi sua aluna no curso de mestrado. Ela enumera alguns elementos curriculares da contemporaneidade que demonstram a visão antropológica e a atualidade do pensamento de Paulo Freire. Estes elementos trouxeram uma proximidade com a prática educativa vivenciada na FISTA e explícita nos depoimentos de seus egressos:

A ênfase no diálogo como determinante da relação pedagógica; a relação entre política e educação; o respeito à ética universal do ser humano; a ênfase na liberdade, autonomia e dignidade humana; a pedagogia centrada no amor, no anti-autoritarismo e na democracia; a crença na capacidade do aluno de organizar sua própria aprendizagem; o respeito à liberdade de expressão; a idéia de “aprender fazendo”; a importância do trabalho cooperativo; o respeito pelo conhecimento do aluno; a importância da “leitura da realidade”; a aquisição de conhecimento como fator social; a necessidade de associar a conquista da palavra à conquista da história; a compreensão do homem como ser inacabado; a idéia de aprender com a própria prática; a insistência na relação teoria e

prática; a exigência da rigorosidade metódica; a compreensão da história como possibilidade e não como determinação; a busca da transformação social através da consciência crítica; a denúncia de alienação desumanizadora (01/06/2006).

O trabalho de Paulo Freire revela dedicação e coerência aliada à convicção de luta por uma sociedade justa, voltada para o processo permanente de humanização entre as pessoas onde ninguém é excluído ou posto à margem da vida. Paulo Freire provou que é possível educar para responder os desafios da sociedade, neste sentido a educação deve ser um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade.

Assim, levantamos inúmeros posicionamentos e reflexões que nos levam a vislumbrar uma concepção antropológica de currículo em que o conhecimento, o saber e a cultura tendem essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano. O currículo é um espaço privilegiado no qual se corporificam formas de conhecimento e de saberes e está intimamente ligado à formação docente.

Nessa linha de investigação passaremos a contextualizar o currículo humanista, levantando seus aspectos legais e perspectivas referentes aos anos 60 e 70; “mesclando” os depoimentos de professores e alunos que tornaram fontes históricas nesta trajetória. O recorte temporal equivale ao período de consolidação da proposta de educação libertadora defendida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

CAPÍTULO III:

LUZES NA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA:

Memória e formação docente

Ao longo desse estudo investigativo, utilizamos os referenciais da história oral que nos remete a importância das memórias subterrâneas, parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. Segundo Pollak (1989), as memórias subterrâneas opõem-se a memória nacional, oficial e “*prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio*”. O silêncio revela aspectos importantes dos momentos históricos, sinaliza as contradições e crises sociais, como os anos 1960 e 1970, no Brasil, em que a ditadura militar interferiu decisivamente na memória nacional. Neste período, os educadores, profissionais liberais e principalmente os estudantes universitários opunham-se aos ideais capitalistas, a uma sociedade majoritária alheia aos propósitos de uma educação libertadora.

Nesta perspectiva, percebo que os depoimentos dos ex-alunos e ex-professores são reveladores de uma memória coletiva, com aspectos significativos dos campos social, econômico e cultural. São histórias de vida que estabelecem uma coerência com o espaço social, traduzem laços afetivos e posturas pedagógicas construídas laboriosamente. A riqueza deste processo está no desafio de desvendar as entrelinhas, em ler o passado a partir do testemunho do presente. Explorar as possibilidades de leituras, de análise da realidade local, regional e nacional que impedem de deixar no esquecimento, pessoas e fatos que são primordiais para a reconstrução da história.

No âmbito da pesquisa educacional existem núcleos de produção de estudos históricos sobre a profissão docente que buscam elos com a perspectiva da memória, gênero e autobiografia. Denice Catani (2003) nos esclarece sobre as potencialidades da proposta de produção e análise de relatos autobiográficos da formação intelectual:

Ao serem trabalhados, esses relatos favorecem o redimensionamento das experiências de formação e das trajetórias profissionais e tendem

a fazer com que se infiltrem na prática atual novas opções, novas buscas e novos modos de conduzir o ensino (CATANI, 2003, p.19).

Assim, os relatos tornam-se um espaço de reconstrução da identidade profissional que permite ao depoente explicitar seu lugar social, suas relações com os outros, seu processo de formação, suas memórias, enfim, “modos específicos de representação”. Nesse sentido, os relatos são reveladores de múltiplas experiências, nos permite refletir sobre a “*instituição escolar enquanto lugar de homogeneização dos comportamentos*”. Vejamos o depoimento de Heliana Angotti Salgueiro, ex-aluna da FISTA que busca fragmentos no fundo da memória e retrata sua formação acadêmica, nos anos 69 a 72:

Voltando às memórias institucionais, entrei facilmente no vestibular da Faculdade de Filosofia, após dois meses de estudo em casa. (...) sem duvidar um instante da vocação de ser historiadora. E minha ansiedade para aprender foi logo muito bem respondida por Maria Antonieta Borges Lopes, com quem comecei a ler com paixão nossos historiadores clássicos e modernos - os primeiros: Capistrano de Abreu, Varnhagen, Oliveira Viana, sob o olhar crítico e interpretativo dos segundos: Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Gilberto Freire.

Seu relato é significativo quando faz memória aos professores marcantes, *memória intelectual*:

Com Antonieta fui introduzida aos métodos da école d'Annales, e ao que , nos anos 1970, seriam os “novos problemas, novos objetos, novas abordagens da Nova História, ainda em formulação na França. Com casamento aos 21 anos transfere-me para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde linha semelhante de análise me acolheu. Anos mais tarde em Paris, ao receber o título de Doutora em História pela École d' Hautes Études em Sciences Sociales, num belo fim de tarde de junho, vieram-me à mente dois elementos de memória: o de memória material ou seja o cartão postal com a silhueta da capela do Colégio enviado pela Irmã Solange e o de memória intelectual: os ensinamentos da Antonieta sobre a História do Brasil. Ambos não deixam de inscrever-se na memória afetiva (2005, p. 67).

Nos anos 1960, constataram-se os rigorosos critérios de fiscalização impostos pelos órgãos governamentais, em todas as atividades desenvolvidas pela administração, corpo docente e discente, registrando ainda que a preocupação fundamental da Instituição era propiciar aos alunos não só um sólido conhecimento como também uma sólida formação dentro dos princípios cristãos. Esta preocupação é registrada em atas de

visitas de inspetores, depoimentos dos professores e pela imprensa local que acompanha passo a passo, pelo *Correio Católico*, as pressões sofridas pelas Irmãs Dominicanas.

Os registros, principalmente por meio do *Correio Católico*, expressam este pioneirismo e comprovam a presença e o poder eclesial de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Arcebispo de Uberaba, em pleno período militar, exaltando o trabalho da Faculdade e colocando em realce especial a obra apostólica do Padre Tomás Aquino de Prata, professor da FISTA, junto à juventude uberabense:

Estendeu sua homenagem “a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, lembrando o seu pioneirismo na vida universitária de Uberaba e na preparação de mestres e educadores para o Brasil, neste recanto de Minas. Recordou que o lema da Escola é o lema da Ordem de São Domingos: ‘Véritas’ e sublinhou que o educandário outra coisa não tem procurado fazer, senão espalhar a Verdade [...] Lembrou o Arcebispo que há alguns anos atrás, um Ministro da Educação classificou o estabelecimento como ‘verdadeiramente modelar’. E ajuntou “E é esta Faculdade que é agora, por patriotas improvisados e heróis de última hora, apontada como ninho do comunismo ateu!”. Afirmou que sua homenagem se dirigia também a um sacerdote, professor da Escola, “pequenino no tamanho, mas grande nas atitudes” [...] Não fora a atuação dos valorosos padres e religiosas do Brasil e certamente, o materialismo dialético teria dominado os corações.[...] O Arcebispo voltou a advertir, dizendo que “o caminho que se deve seguir, quando alguém desconfiar da atividade subversiva de qualquer sacerdote e religiosa é dirigir-se à Autoridade Religiosa, por continuar de pé o cânon 120,LII, do Direito Canônico que estabelece que o sacerdote tem o direito de ser julgado, em primeiro lugar, pelo seu Bispo (Correio Católico, 22/05/196, p. 1).

Percebe-se que a Igreja defende a fé e a tradição cristã, em repulsa aos extremismos impostos pelo contexto da época, visto que o movimento de renovação e mudança que se instalou também era fruto da ação da Igreja. Leigos e sacerdotes lutavam por uma sociedade mais justa, humana e igualitária. São inúmeras as manifestações de apreço ao Arcebispo pela sua “defesa desassombrada que o digno Pastor vem fazendo da Faculdade de Filosofia, seja pelas colunas do jornal, seja pelo rádio” (Correio Católico, 29/05/1964, p. 2).

Outro artigo reafirma a postura coesa e firme da Igreja local:

Advertindo que todos aqueles que querem humilhar a Igreja no Triângulo Mineiro encontrarão pela frente o seu Arcebispo, “que está pronto, se preciso for, para dar a vida na defesa da causa da fé e da religião”, o Arcebispo Dom Alexandre Gonçalves Amaral fez nova palestra pelo rádio, ontem à noite, no programa semanal ‘Pensamento e vida da Igreja’ (Correio Católico, 15/05/1964, p.1).

Padre Thomaz de Aquino Prata, em sua entrevista, confirma este apoio irrestrito de Dom Alexandre que demonstrava a unidade entre os religiosos num contexto de repressão e perseguição aos ideais humanistas e marxistas:

Na época do período militar criou-se uma fama que Uberaba era uma cidade comunista. Nós éramos comunistas na FISTA... Veio um grupo de Belo Horizonte, da Revolução fizeram uma reunião com a gente, invadiram a biblioteca, separaram livros, citaram nomes de pessoas envolvidas, meu nome, do Professor Monsenhor Juvenal, Prof. Paulo Rodrigues, Prof. Santino Gomes de Mattos, Madre Georgina, sofremos muito, fomos perseguidos, fui detido, não preso, cinco horas de interrogatório, sentado num tamborete por 02 dias: O que eu lecionava? Por que eu defendia Marx? Se eu conhecia outros padres marxistas[...] Graças a Deus, não fui torturado fisicamente, só moralmente. Dom Alexandre do Amaral nos defendeu, fez muito barulho e disse ao comandante que se um padre ou religiosa fosse preso ele iria junto. Defendeu-nos abertamente (17/04/2005).

Dom Alexandre Gonçalves do Amaral posicionou-se com firmeza diante do governo revolucionário de 1964, como autoridade jurídica da Igreja, amparado pelo Código do Direito Civil, exigiu respeito e autonomia. A Faculdade de Filosofia, FISTA era uma “ramificação dessa personalidade jurídica”, pois congregava sacerdotes e religiosas empenhadas numa educação cristã. O apoio do bispo foi incondicional à lista de pessoas que, ditas “subversivas”, deveriam ser presas: seis sacerdotes, cinco freiras dominicanas, alguns estudantes e professores. Dentre eles estavam Monsenhor Juvenal Arduini, Padre Thomaz Prata, Frei Domingos, Padre Thomaz Fialho, Padre Hyron Fleury Curado, Irmã Loreto, Irmã Georgina de Oliveira, César Vanucci, Joel Loes e outros.

O Golpe de Estado de 1964 colocou fim à “democracia popular”, iniciada com a Constituição de 1946 e deu pleno poder e autonomia ao Alto Comando das Forças Armadas que assumiram a sucessão presidencial por 21 anos (1964 a 1985), sem nenhuma participação do povo, a não ser nas cerimônias de posse. Foi considerada a mais longa ditadura militar que se implantou na América Latina. Uma “ditadura sem hegemonia” que gerava apelos veementes de democracia e liberdade. Durante este período, no campo da economia, o capitalismo exacerbado trouxe grandes investimentos na área econômica, crescimento de estatais, incentivo ao capital privado, assegurando a escolarização da força ativa de trabalho (GERMANO, 2000).

Assim, esta política pós 64 contribuiu muito para a exclusão social das classes populares. Privilegiou de forma “selvagem” a manutenção da desigualdade social e a acumulação de capital. O Estado era descomprometido com a educação pública, os

recursos estavam direcionados para o capital privado, as verbas eram destinadas para as escolas particulares.

As fontes históricas demonstraram um período de intensa exploração da força de trabalho, de uma concentração de renda nas mãos de poucos. Os meios de comunicação de massa transmitiam uma ideologia de um “Brasil-potência” com slogans como: “*Este é um país que vai pra frente*”; camuflando uma realidade, uma estratégia de hegemonia adotada pelo regime militar. Surgiu a TV Globo, criada em 1965, beneficiada pelo governo militar, que lançou em 1969, o Jornal Nacional. Sem qualquer posicionamento crítico ocultava as manifestações sociais da época (GERMANO, 2000, p.103).

A Igreja, preocupada com a situação social e política, temerosa em perder o controle de seus fiéis mobilizou-se junto aos sindicatos rurais e ao Movimento de Educação de Base.

Os militares se organizavam em autênticos partidos, “linha dura” e seus Atos Institucionais pressionaram as universidades brasileiras e conseguiram “*abafar o clima de euforia política e cultural ali prevalecentes.*” Um dos Atos Institucionais, AI5, baixado no dia 13/12/68 pelo General Costa e Silva, praticamente acabava com todos os direitos individuais e coletivos. O discurso dos militares era “*tudo em nome da defesa da democracia*”. O Decreto-Lei 477 de fevereiro de 1969 instituiu o controle ideológico das universidades e demais instituições educativas. Provocou e instaurou o terror no país, com prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos, censura à imprensa, à educação e à cultura. Segundo os documentos da Arquidiocese de São Paulo, o regime deixou como herança “*17 Atos Institucionais, 2.260 Decretos-Leis, 10 mil exilados políticos, 4682 cassados, 245 estudantes expulsos das universidades por força do Decreto 477 e uma lista de mortos e desaparecidos tocando a casa das três centenas*” (Arquidiocese de São Paulo, 1985, p. 68).

Entre 1967 e 1968, o movimento estudantil reagiu e realizou grandes mobilizações contra o governo. Os trabalhadores se organizaram nos movimentos sindicais, associaram a setores da Igreja Católica e provocaram manifestações e greves contra o discurso do Estado: acabar com os “inimigos internos”. Uma força de oposição que se une à Igreja é a Frente Ampla fundada por golpistas civis como Carlos Lacerda, Juscelino Kubitscheck, João Goulart.

Em Uberaba, de modo especial na FISTA, viveu-se um processo de asfixia que durou duas décadas, entretanto, não conseguiu eliminar os sonhos e luta por uma

sociedade democrática. Ao investigarmos sobre as origens e atuação do movimento estudantil em Uberaba, sua interferência no corpo discente da FISTA, nos deparamos com o trabalho científico de Mozart Lacerda Filho, historiador e especialista em História da Educação. Segundo fontes da pesquisa a Ação Popular foi introduzida no Triângulo Mineiro, principalmente em Uberaba e Uberlândia por volta de 1966, por militantes vindos de Belo Horizonte, com o objetivo de ampliar a organização estudantil no interior do Estado. Em Uberaba, os militantes procuraram Danival Roberto Alves, estudante de filosofia da FISTA, que assumiu a responsabilidade de conseguir novos adeptos ao movimento de resistência contra o regime militar ditatorial. Danival relata sua experiência juntamente com os outros alunos da FISTA pertencentes a JUC:

A reunião foi na casa da Vilma Valim. Foi lá que Antônio José Duarte Jácomo, egresso da JUC e depois da AP cede-me a gestão dos trabalhos. Esse encontro de 03 dias ocorre a portas fechadas e lacradas, em face da vigilância exercida pela repressão (20/04/05).

Danival Roberto, nesse período, passa a lecionar no Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, onde conhece Gildo Macedo Lacerda, quem assume o comando da AP em Uberaba e região. Gildo teve uma militância intensa, sendo eleito em 1969, como vice-presidente da UNE. Em outubro de 1973, em Recife, é assassinado em circunstâncias duvidosas e seu corpo não foi entregue à família.

O Centro Acadêmico da FISTA, com o Ato Institucional nº5, foi pressionado e sua presidente Maria Terezinha de Souza Pádua, com o apoio da direção e da igreja, destituem os membros. Entretanto, não abriram mão de seus princípios. Em seu depoimento nos relatou:

Neste período, afastaram da Faculdade todas as ações políticas. A gente reunia a turma da JUC, lá no Geraldo Miguel. A casa do Geraldo Miguel tinha um porão e a gente reunia para discutir os documentos do AI 5; os decretos, a própria proposta de educação. Era um grupo muito consciente. Tinha um filho do professor de Português Geraldo Guimarães, que fazia Letras, Eduardo Guimarães, muito consciente. Danival era maravilhoso e atuante (26/03/2006).

Muitos estudantes envolvidos na militância sofreram inúmeras pressões diante da sociedade uberabense que era extremamente reacionária, conservadora. A aluna Elisa Angotti Kossovitch que foi militante da AP, simpatizante da JUC, membro do Centro Acadêmico, atuante nos grupos de teatro da FISTA, com vivência internacional no processo de conscientização política nos revelou “a memória” destes anos da ditadura:

Vivi, sim, uma sensação de medo muito grande. Não vivi a prisão nem o exílio ou auto-exílio. Grande parte dos exilados se auto-exilou por

medo, com toda razão. Não cheguei a passar por isto, mas tive momentos muito tensos na minha vida; porque todos os meus amigos estavam sendo presos e eu sabia que poderia ir sem mais nem menos [...] Sei que fiquei vários meses sem dormir, qualquer barulho na minha casa me acordava e ficava esperando; isto é muito desagradável, uma tensão infernal[...] Os amigos de meu pai de direita, extremamente reacionários disseram que quando eu voltei da França eu voltei com um baú lotado de toneladas de propagandas comunistas. Eram os livros que eu lia. Na época, quando saí da FISTA, deixei de ler Maritain. Fui viver na França e militar com o pessoal do Partido Comunista Francês junto com a Guerra do Vietnã. Participei intensamente da militância em Ex. [...]Tinha que ter uma pertença qualquer, a uma organização qualquer. E a maneira de me adaptar a uma militância na França no momento de contestação de anti-guerra do Vietnã, foi participar junto com a Neila Cecílio, companheira e amiga , do movimento comunista[...] (30/05/2006)

Percebe-se que este sentimento de pertença traz à tona uma memória coletiva e reforça a coesão social pela adesão política ao grupo que se torna uma comunidade. Terezinha Campanholi, ex-aluna no período de 1963 a 1966, foi considerada na época, vanguardista de esquerda, numa Faculdade predominantemente de mulheres. Como diretora de Esportes do Diretório Acadêmico, em 1964, mobilizou o Diretório e pela primeira vez na história da FISTA, participaram da Olimpíada Universitária. Na abertura dos jogos, ganharam o 1º lugar, com Terezinha abrindo o desfile, no carro alegórico, vestida com uma malha de ballet. Para muitos, foi um escândalo. Sua atitude vanguardista abriu caminhos. No ano seguinte, todas as faculdades saíram de malha no desfile de abertura. Seu professor Padre Thomaz Prata dizia: “*A cabeça da Terezinha estava 20 anos à frente de sua época*”. Era membro da JUC, coordenadora do jornalzinho do Diretório Central dos Estudantes, atuação na União Estadual dos Estudantes (UEE) e nos Congressos da União Nacional dos Estudantes (UNE) em São Paulo e Belo Horizonte. Terezinha relata sua experiência nos congressos estudantis, riscos pessoais a favor da liberdade e contra a repressão e o imperialismo americano:

Sempre participei dos congressos da UNE em Belo Horizonte e São Paulo. Num dos congressos, em julho, a repressão foi muito forte. Os padres franciscanos acolheram os estudantes no convento e fizemos o congresso no porão. Lutávamos pelos nossos ideais. Estavam nesta luta Renato Montandon, Maria Cremilda Sucupira e Vilma Valim (15/05/2006).

A imprensa local, nesse período de plena ditadura militar, principalmente por meio do *Correio Católico*, divulga manifestações de reconhecimento “pela defesa desassombrada” de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral aos membros da Faculdade

de Filosofia. O “Centro de Estudos Históricos da Faculdade” teve uma atuação importante neste momento, através de sua presidente, Maria Auristela Fontes. Um dado significativo que nos chamou a atenção nos artigos do *Correio Católico*, especialmente no ano de 1964, foi a presença de atividades culturais abertas à comunidade local. A Faculdade, apesar das pressões, continuava seu trabalho na promoção da cultura. Destacamos o artigo: “*Orfeão: sucesso amplo*” que ressalta a atuação do Prof. Luiz Alberto de Miranda:

Um público numeroso, entusiasta, aplaudiu ontem a apresentação do Orfeão Santo Tomás de Aquino, no Sírío Libanesa. O espetáculo causou viva impressão. O Orfeão regido pelo Prof. Luiz Alberto Miranda, apresentou escolhido repertório, arrancando aplausos demorados ao final de cada interpretação (Correio Católico, 3/09/64).

No corpo docente e discente estavam pessoas comprometidas com as causas sociais, atuantes na Ação Popular, no Partido Operário Libertador (POLOP) e na Juventude Universitária Católica – JUC. A JUC era considerada uma das organizações estudantis mais radicais que exigia as reformas fundamentais na universidade, na saúde, nos serviços públicos e na moradia. Maria de Lourdes de Melo Praes, aluna e educadora atuante na FISTA, nos anos 60 e 70, expressa com propriedade a importância e o modo de organização da JUC:

Diferentemente de tempos anteriores, em que os estudantes apenas propunham soluções aleatoriamente, naquele período, começaram a entender que era preciso fazer a “leitura da realidade” para que pudessem fazer propostas mais coerentes e consistentes. Desse modo, visitavam a periferia para discutir os problemas com seus moradores e iniciavam campanhas para superar as miseráveis condições de vida cotidiana, revelando assim a influência do pensamento de Paulo Freire que começava chegar às universidades (01/05/2006).

Como já citamos anteriormente, a JUC de Uberaba tinha seus trabalhos liderados por Monsenhor Juvenal Arduini, Padre Thomaz Prata, Padre Eddie Bernardes com quem os alunos mantinham, com prazer, debates, “*verdadeiros serões, aos sábados à noite, nas dependências da Faculdade de Direito de Uberaba*”. Os temas dos debates eram polêmicos, como as reformas sociais de base, a universitária e a agrária. Maria de Lourdes de Melo Praes acredita que a seriedade e a profundidade das discussões traziam o ecletismo do pensamento de Paulo Freire :

Nesse período, já se podia perceber o típico estilo da escrita eclética de Freire. Freire, sempre, confrontou as mais diversas teorias e autores, entrelaçando-os de um modo que se cassassem com sua

experiência de educação humanista-cristã e social-libertadora. Aliás, ele nunca negou ser um eclético que selecionava, por exemplo, premissas de Karl Jaspers e do velho Marx. Na realidade, dizia ele “eu não estava, com isto, interessado em aderir ao Marxismo ou ao Existencialismo, simplesmente aderiria aspectos que considerava interessantes nos escritos destes dois autores(01/05/2006).

Este caráter de abertura e visão de futuro era uma constante na formação docente que entrelaçava as concepções: “*humanista-cristã e social libertadora*”. Os professores tinham um olhar cuidadoso sobre os alunos que apresentavam habilidades específicas, competências que lhe garantiriam alçar novos caminhos.

A direção oportunizava aos alunos e professores cursos em outras cidades para aprimoramento do currículo. Inclusive indicavam alunos para bolsas de estudo na França, por meio do Consulado Francês. Elisa Angotti Kossovitch, ex-aluna da FISTA no período de 1960 a 1964 relatou em seu depoimento a oportunidade oferecida por Ir. Rafaela: uma bolsa de estudos na sua área de atuação, Letras Modernas, em Aix-en-Provence, na França. Nesta ocasião, a ex-aluna Neila Cecílio, amiga de Elisa, também foi contemplada com a bolsa de estudos. Atualmente, Elisa é professora na UNICAMP e reconhece a importância da visão de educação transmitida pelas Irmãs Dominicanas:

A FISTA estava à frente anos luz do que a universidade se tornou hoje. Não em termos de oportunidades para escolha; a gente tinha as oportunidades limitadas ao ambiente no qual nós estávamos, com os cursos limitados e os professores dentro de suas limitações. Mas dentro do tipo de abertura de espírito e das possibilidades de você se interessar por uma coisa que caiu de moda que eu chamaria de eclecismo; era uma coisa muito forte na FISTA. Você tinha um leque de oportunidades não local, mas que você podia se lançar sem nenhuma vergonha, para qualquer outro horizonte (30/05/2006).

Percebe-se que esta peculiaridade da FISTA em termos de abertura de espírito é fortemente reconhecida por outros alunos e professores egressos, como, Maria Terezinha de Pádua, Evandro Silva Martins, Célia Laís Tahan Bittencourt, Vânia Maria Resende entre outros.

A política educacional do período pautava-se “na economia da educação de cunho liberal”, que gera a teoria do “capital humano”: subordinação da educação à produção capitalista que aparece claramente na reforma de ensino do 2º grau, através da profissionalização.

A legislação ajusta a organização do ensino superior. Um dos ajustes foi feito pela Lei n. 5540/68 que reformulou o ensino superior e pela Lei n. 5692/71, que alterou os ensinos primário e médio modificando sua denominação para ensino de primeiro e de

segundo grau. Com isso os dispositivos da LDB (Lei n.4024/61) correspondentes às bases da educação (ensino primário, médio e superior) foram revogados e substituídos, permanecendo em vigor os primeiros títulos (Dos fins da educação, do direito à educação, da liberdade do ensino, da administração do ensino e dos sistemas de ensino) que davam as diretrizes da educação nacional.

As reformas do Ensino Superior, Lei 5.5400/68 e a Lei 5692/71 foram entendidas como “*fragmentos de uma revolução passiva*” pois não contaram com a participação da sociedade civil e visavam a um processo de desmobilização na área educacional. O regime militar usa de um discurso de valorização da educação e transforma a política educacional numa estratégia de hegemonia. O termo hegemonia entendido como a dominação burguesa sobre o proletariado, nesse contexto amplia sua concepção, a partir do pensamento de Gramsci: “*uma ação que não atinge apenas a estrutura econômica e a organização política da sociedade, mas, também, age sobre o modo de pensar, de conhecer e sobre as orientações ideológicas e culturais*” (TAVARES DE JESUS, 1989, p.42)”.

Outro aspecto importante da política educacional dos anos de 1970 refere-se à pós-graduação, regulada pelo Parecer n. 77/69, do Conselho Federal de Educação. A pós-graduação tornou-se um espaço privilegiado para o incremento da produção científica, além da tendência crítica consistente em relação à pedagogia dominante.

No âmbito da FISTA a legislação trouxe inúmeras mudanças. O próprio nome da instituição muda para Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, permanecendo como mantenedora a Sociedade Educadora de Infância e Juventude. Os princípios focalizavam para o humanismo cristão visando o desenvolvimento integral através da “*criação de formas de participação consciente na vida comunitária*” (Art. 3º) Esse princípio concretizou-se por meio de um de seus objetivos que era realizar pesquisas e estimular atividades criadoras nas ciências, nas letras e nas artes. A ex-aluna e ex-professora, Maria Terezinha de Souza Pádua, durante o período de 1962 a 1970, em seu depoimento, explicita a prática e testemunho de seus mestres nessa ótica:

O importante é que desde o primeiro ano, sem que a gente soubesse, eles já faziam aquela ponte “peritática”: estava estudando a teoria, dando aula no colégio, alfabetizando adultos, monitoria no ginásio, intercalando a teoria e a prática, lado a lado. Ali eu encontrei exatamente o que significava você fazer um trabalho, sair do senso comum para uma consciência crítica. O Monsenhor Juvenal começava a aula de Psicologia Vocacional perguntando o que a gente pensava do homem, da alma, do espírito. A partir daí ele via e tirava

de nós, com o diálogo, uma definição mais elaborada. Primeiro ele tirava o que a gente tinha de acervo, depois ele vinha reconstruindo a aula, no diálogo, e organizando o pensamento da gente (26/03/2006).

O depoimento acima traz a constatação do investimento feito na autonomia, na independência dos alunos, na prática pensada, na necessidade de se dedicarem à leitura, à pesquisa, no envolvimento com atividades além do currículo. Vários ex-professores entrevistados relatam sobre os procedimentos de aprendizagem com um acompanhamento rigoroso, de qualidade no trabalho do aluno. Alguns procedimentos eram opcionais, sem a obrigatoriedade curricular. Um dos mais citados foi o espaço reservado no horário acadêmico, uma vez por semana, aos alunos dos vários períodos e cursos, para os grupos de estudos. Isso para facilitar a integração dos mesmos. Coordenados por um ou mais professores eram feitas resenhas de livros, síntese de artigos e obras que apresentados eram debatidos pelos participantes, num clima de autonomia e respeito pela diversidade de linhas de pensamento. Era uma exigência de independência: o aluno tinha que ser capaz de escrever, capaz de colocar suas idéias e participar dos debates.

Os livros mais debatidos, no recorte temporal em questão, foram: *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire; *Humanismo Cristão* de Jacques Maritain, *Homem-Libertação* de Monsenhor Juvenal Arduini, *Cristo do Povo* de Marcelo Novais e outros. Mesmo vivendo em pleno período de repressão militar a Faculdade conseguiu manter seu trabalho de formar pessoas críticas, sem produzir a auto-censura. Vejamos o reconhecimento da visão antropológica do currículo no depoimento do Professor Evandro Martins:

Como tinha um ensino solidificado, não houve grandes alterações. A gente fazia adaptações para agradar a lei, mas continuava o trabalho. É isso que mantinha. A história se prendeu a isto, foi um período de 30 anos que manteve uma coesão porque existia um fio condutor. Este fio condutor que chamo de humanismo(17/04/2005).

Ex-professores e ex-alunos acreditam que a ambiência, as relações de trabalho, o empenho dos educadores e o apoio da Igreja local contribuíram para que se formasse, neste período, muitos alunos politicamente atuantes. Os grupos de estudos, os cursos extracurriculares e os debates eram realizados sem censura por parte da direção. Não havia mecanismos autoritários em relação ao corpo discente. Havia razoáveis embates internos, pois os posicionamentos antagônicos eram feitos abertamente. Esse clima de formação de lideranças trouxe frutos ao cenário uberabense. O ex-aluno e ex-professor

Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, atualmente assessor e membro da Reitoria da Universidade de Campinas – UNICAMP, analisa esta formação política que fazia parte do cenário brasileiro e de Uberaba:

Só para se ter uma idéia, Uberaba sem ter uma universidade tinha um Diretório Central de Estudantes. O Diretório Central de Estudantes era um órgão normalmente de universidade, cada uma tinha o seu. Uberaba, de um certo modo, construiu as condições, uma certa relação entre o conjunto, independentemente de universidade. Um dos elementos que representava esta independência era a existência deste Diretório. E este Diretório tinha um papel importante nessas articulações políticas. (...) Fui presidente do Diretório Acadêmico em 1967, acho que até 69. Assumi várias funções no Diretório, membro responsável pelo setor de Comunicação e do jornal “O Coruja”. Fui presidente do Centro de Estudos de Português, um centro de pesquisa que integrava a área de Literatura Portuguesa. Fui presidente da Academia Latina que era uma instituição de alunos relativos ao ensino de Latim. Fui diretor do Departamento de Letras inclusive, nessa época, fundei uma publicação que se chama “Série Estudos” (30/05/2006).

A publicação *Série Estudos* citada pelo Professor Eduardo Roberto Junqueira Guimarães foi iniciativa sua, no ano de 1972, durante sua gestão como Diretor do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Era uma publicação acadêmica, com artigos e resenhas de educadores de diversas universidades, na área de língua e literatura. A publicação foi interrompida com a sua saída para São Paulo, para sua pós-graduação. Em 1976, a diretora Ir. Glícia Maria Barbosa sugeriu que Eduardo retomasse a publicação que chegou até o número 12. Posteriormente, faremos um estudo sobre a *Série Estudos* que trouxe um salto qualitativo na história da formação docente da FISTA e foi referência para muitas universidades.

A direção do Centro de Estudos de Português promoveu inúmeros eventos com repercussão nacional. Professores de Literatura Portuguesa, no período de 1964 a 1974, Ir. Georgina e Luiz Alberto de Miranda empenharam-se pela formação docente de qualidade. Em 1961, eles realizaram um tríduo de estudos portugueses. Ir. Georgina trouxe muitos livros de Portugal para o Centro. Este tinha uma biblioteca de Literatura Portuguesa doada pela Fundação Carlos Bolbec. Em 1966, o Centro de Estudos promoveu o curso de Poesia Portuguesa Contemporânea, ministrado pelo professor Fernando Mendonça. A ex-aluna Teresinha Campanholi participou do curso e seu

diploma encontra-se anexo. O Prof. Luiz Alberto nos relatou os motivos da presença de Fernando Mendonça nos cursos da Faculdade:

O Prof. Fernando Mendonça da Universidade de Assis, ia muito lá, convidado por Ir. Georgina. Hoje, ele é aposentado, mas ocupou todos os cargos possíveis na Faculdade de Assis. Naquela época ele tinha terminado o doutorado e logo depois ele foi para Assis, onde se estabeleceu como Prof. de Literatura Portuguesa. Como eu era ligado a Ir. Georgina na Literatura Portuguesa eu conheci o Prof. Fernando através dela. Depois em 66 ela foi para Portugal e eu fiquei com as aulas dela. O Prof. Fernando, por várias vezes, me falou da competência de Ir. Georgina(15/04/2006).

Irmã Georgina era considerada a mestra da palavra, dedicada aos estudos de literatura. O Prof. Luiz Alberto de Miranda foi seu monitor e faz alusão a seriedade intelectual das irmãs dominicanas:

É impressionante como que a Ir. Georgina, como nossa professora, tinha uma leitura que, para a época, era admirada por muitos. Por exemplo, Jorge Amado, os Maias, que eram dados com muito cuidado, eram ditos mundanos. Nós lemos os Maias com ela, discutimos com muita tranqüilidade. Uma coisa que me aconteceu no primeiro ano da Faculdade foi que eu tinha saído do Colégio Marista e percebi que a mentalidade das Irmãs Dominicanas para a questão da leitura era mais ousada. No Marista, nós éramos proibidos de ler alguns livros de Machado de Assis, José de Alencar, Monteiro Lobato(15/04/2006).

Um fator que contribuía para essa visão refinada de leitura, avançada para a época era a formação acadêmica continuada dos educadores e religiosas, nas grandes universidades do exterior. Irmã Rafael do Rosário, professora de Literatura Francesa e Grego, especializou-se na França. O jornal *Correio Católico* divulgou na coluna *Coisas da Cidade*, no dia 26 de agosto de 1964: “Irmã Rafael do Rosário, secretária da Faculdade de Filosofia de Uberaba, presentemente na França, foi aprovada no curso de Literatura Francesa na famosa ‘Sorbonne’, obtendo a primeira classificação numa das matérias”. Ao retornar a Uberaba, trouxe uma biblioteca de Literatura Francesa. Ela mesma classificou e deixou na parte central da biblioteca da FISTA.

Irmã Laura Chaer, escritora e professora de Literatura Espanhola, Latim e Teoria Literária, de 1960 a 1974, realizou seus estudos na Espanha. Em sua bibliografia constavam autores que não eram estudados na época como: Kafka e Sartre. O Prof. Luiz Alberto de Miranda foi seu aluno e revela:

Na FISTA nós aprendemos a ser honestos intelectualmente. A gente aprendeu a estudar. Nós aprendemos a fazer uma pesquisa, a ter originalidade, a criatividade para fazer aquelas coisas. [...] Nós

tínhamos que estudar mesmo. Acho que a honestidade, a seriedade intelectual é a marca de todas as irmãs professoras. Ir. Laura criava muita coisa nova para dar a disciplina. Sempre foi muito original e diferente(15/04/2006).

A qualidade dos professores influenciava na atuação do corpo discente, em especial, no Centro Acadêmico “Dom Alexandre”. Este promovia cursos, encontros e debates de alto nível. Em 1963, promoveram o curso de Literatura Portuguesa com o Professor da Universidade de Assis, Prof. Fernando Manuel de Mendonça.

Os ex-alunos entrevistados foram unânimes em afirmar que o corpo discente da FISTA se identificava por um sentimento de pertença. Um “orgulho saudável” assim como a consciência dos direitos e deveres. Para Maria de Lourdes de Melo Praes: “[...] *não aprendemos nos livros, mas no cotidiano de nosso relacionamento, permeado de humanismo e solidariedade e tão intensamente vivenciado*”.

Na concepção do Professor Luiz Alberto de Miranda toda a ambiência da Faculdade propiciava a qualidade de seus discentes:

A turma de 1966 foi a melhor turma da FISTA. Era a turma da Maria Carmelita Rodrigues da Cunha, Belmita, Sonia Mesquita, Sheila Afonso, Norma Azeredo (de Ipameri) e de uma pessoa muito brilhante que foi a Estela Campos que hoje é chefe do Departamento de Letras em Goiatuba [...] Estela esteve muito tempo no exterior, defendeu uma tese sobre o surrealismo, hoje dá aula de Literatura Brasileira. [...] O Eduardo Guimarães, da UNICAMP foi meu aluno e depois fomos colegas de trabalho, também outra referência para a FISTA (15/04/2006).

Outro dado importante neste documento foi o teor valorativo do juramento das turmas. Tornou-se evidente a preocupação da Faculdade com a educação integral: “*Prometo, no exercício do magistério proporcionar à juventude uma educação integral, pautada segundo os princípios da sabedoria cristã*”.

Nessa perspectiva, os alunos eram motivados a criar formas de participação consciente na vida comunitária, buscar uma interpretação e atuação amadurecida do mundo. Muitos foram os caminhos, como os centros acadêmicos, movimentos estudantis, grupo de teatro, coral e grupos de estudos.

A diretora da Faculdade, neste ano, era Madre Maria Georgina. As turmas de formandos eram pequenas e na relação dos alunos figuram nomes que são destaques e referências, como salientou o professor Luiz Alberto de Miranda. O quadro abaixo apresenta a relação dos formandos e seus respectivos professores homenageados dos cursos:

Quadro II – FORMANDOS DE 1966

<i>Ano</i>	<i>Cursos</i>	<i>Homenageados</i>	<i>Relação dos alunos licenciados</i>
1966	Curso de Filosofia	Irmã Alexandra	1. Léa Magnabosco 2. Leila Aparecida Esteves 3. Maria Auxilidora Vieira Chaer 4. Marli Elena Macedo Ferreira 5. Marli Boaventura 6. Mirian Baroni
	Curso de História	Maria Antonieta Borges Lopes	1. Eliane Mendonça Márquez 2. Marlene Yanamine 3. Maria Regina Silva
1966	Curso de Pedagogia	Irmã Maria Ester	1. Leontina de Oliveira 2. Maria Terezinha de Souza 3. Marília Bevilacqua 4. Neusa Peres 5. Nelva Silva Martins 6. Selma Amui 7. Terezinha Campanholi 8. Vilma Aucélio Valim
	Curso de Geografia	Irmã Dra. Maria de Loreto	1. Ana Abadia Prata Rocha 2. Maria Inez Cruvinel Rezende
	Curso de Letras	Irmã Maria Rafael do Rosário Luiz Alberto de Miranda	1. Antonio Carlos Jamal 2. Belmita Maria Silva 3. Estela Campos de Oliveira 4. Iamei de Melo 5. Marizes Regis da Silva Peixoto 6. Maria Carmelita R. da Cunha 7. Maira Salma Zaidan Soro 8. Paulo Pedro Pinheiro 9. Sonia França Mesquita 10. Vânia Maria Guarita Márquez

Fonte: Acervo de Terezinha Campanholi - Convite dos Formandos de 1966 – FAFI

Outro curso que teve uma repercussão significativa na FISTA e na cidade de Uberaba foi o “Seminário sobre Sartre: Le Mouch”, ministrado por Elisa Angotti Kossovitch, em 1967, quando retornou de seus estudos na França. O seminário propunha o estudo e debate da peça teatral de Jean Paul Sartre, “As Moscas”. Aparentemente é um drama grego, escrito em 1943, momento em que o domínio alemão apossava-se de Paris. A censura alemã impedia as manifestações de repúdio. Sartre, de forma sutil, cria a alegoria da conjuntura política de Paris e incita o povo a lutar. Ele acreditava que o existencialismo era uma doutrina de ação, que os homens constroem sua essência através da liberdade de escolha. As escolhas humanas têm repercussão no resto da humanidade. Sartre não aceitava a passividade. Assim, percebemos que a

proposta do curso de Elisa na FISTA foi ao encontro ao momento crítico que a comunidade uberabense vivia. A reflexão filosófica de Sartre, o projeto de convencimento político, a postura de resistência, de luta consciente, a argumentação existencialista sobre a liberdade são elementos que comprovam a seriedade da proposta curricular da Faculdade.

Por iniciativas como esta que a atuação do diretório acadêmico sempre foi alvo de elogios dos professores e comunidade local com o apoio da JUC – Juventude Universitária Católica, coordenada por Monsenhor Juvenal Arduini.

Em maio 1967, os universitários uberabenses, em torno dos Diretórios Acadêmicos, reivindicaram ao Presidente da República, Marechal Artur da Costa e Silva, com a presença de Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, a federalização das Faculdades de Uberaba, para a criação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Apresentaram um diagnóstico da realidade educacional de Uberaba e região comprovando o número de faculdades existentes e a necessidade de um órgão de ensino superior federal que não fosse privilégio de uma minoria: da União (Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro), da Sociedade de Educação (Faculdade de Odontologia, Direito e Engenharia), das Irmãs Dominicanas (Faculdade de Filosofia e Faculdade de Enfermagem), da Associação Comercial (Faculdade de Ciências Econômicas) e Escola de Química Industrial e 02 (dois) conservatórios musicais. Aconteceram outras assembléias, solicitações, entretanto o sonho não se concretizou.

Outro aspecto significativo advindo do depoimento e atuação de Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, remete-se ao “*modo de organização da juventude*”. Houve na FISTA uma formação de lideranças devido ao critério elevado de seleção dos alunos. O próprio vestibular era exigente, selecionava um certo perfil. Com a presença do corpo docente qualificado, bem formado, foi possível ensinar a pensar, a levar em conta alguns valores essenciais ao ser humano. Nessa perspectiva, o professor citado complementou:

Toda instituição formadora que tem sucesso no que ela faz, ela permanece nas orações que ela fundou.[...] Quando digo ensinar a fazer significa ensinar a pensar, a analisar... Não é dar um conceito, isto significa isso. Não, ensinar a fazer. Portanto, pensar, realizar coisas, tomar decisões, descrever, analisar, interpretar... Acho que isso é um traço importante que ela tinha. E qualquer boa instituição tem. E claro que ela tinha de um certo modo afetado por alguma característica particular. [...] Talvez isso seja o traço que permaneça em muita gente. O que às vezes as pessoas aprenderam não foi exatamente esta noção do humanismo no sentido de que o homem é o

centro do conhecimento, o homem é o objeto fundamental do conhecimento. Mas é a noção de que você tem que levar em conta um valor e depois você ensina a fazer. Nesse sentido, como você pensa, como você interpreta as coisas, como você analisa as coisas, como você descreve coisas, lida com as pessoas, fazer, seja o que for (30 de maio de 2006).

Este traço humanista confere à instituição uma prática consistente, uma vivência que possibilitava ao educando uma linha de pensamento firme, isenta do aspecto catequético. Havia liberdade de pensamento, o que confere a FISTA um caráter universitário, uma universidade de fato, de pensamento intelectual aberto que respeitava a pluralidade. A comprovação da convivência com outros valores foi relatada também pelo Prof. Evandro Silva Martins, da UFU:

E veja o ecumenismo da FISTA: realizou-se o congresso nacional de esperanto, na biblioteca e tivemos inclusive a palestra de um dos grandes líderes espírita do país Divaldo Pereira Franco; que falou sobre os problemas da lingüística daqui e da chamada espiritualidade. (...) O que eu acho bonito é isso a FISTA abriu as portas, abriu o salão lá e tivemos gente do Brasil todo e alguns do exterior falando em esperanto. Muita gente esqueceu, mas gosto de guardar na memória estas boas coisas (21/04/2005).

A direção da faculdade demonstra, pela documentação, que pertencia à elite dos educadores brasileiros com formação em “Sorbonne”, sempre presente e atenta aos debates nacionais, como o I Simpósio Nacional de Faculdades de Filosofia, em Brasília, no período de 12 a 15 de fevereiro de 1963, publicado no *Estado de São Paulo*.

A diretora no período de 1961 a 1963 foi Madre Maria Tarcila Montandon Affonso que conduziu as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/1961). A partir da flexibilidade para definição do currículo, a referida diretora investiu na formação de seus professores e alunos, atenta a excelência acadêmica. Luiz Alberto de Miranda relatou o cuidado e o investimento feito pelas irmãs na formação docente:

Teve algo muito interessante em 64, quando comecei a lecionar. A diretora da Faculdade era a madre Tarcila. Foi um ano em que se decidiu incluir no currículo de Letras, as disciplinas Teoria da Literatura e Lingüística [...] Havia um curso preparatório para esses professores, pois eram disciplinas novíssimas. Houve um curso, em Brasília, que visava a preparação de professores para assumirem imediatamente essas disciplinas [...] Madre Georgina dizia que eu já era da Literatura Portuguesa e convenceu a Madre Tarcila. Depois que eu já era professor, utilizei diversos recursos; preparei uma série de slides de Literatura Portuguesa (15/04/2006).